

L

23188

POESIAS

OFERTA

POESIAS

POR

A. A. SOARES DE PASSOS

QUINTA EDIÇÃO



PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR

Caldeireiros, 18 e 20

1870

FORNIZ

20227 Y 31102

PRINTA BRAGA

EM OFFICINA DE LITHOGRAPHEA - EDITOR

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges, 31

A CAMÕES

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus ás gerações envia
Dizendo: vae, padece, é teu fadario,
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que essa chamma abrazadora
Que o cerca d'esplendor, tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos céos em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,
E vêr passar quaes sombras illusorias
Essas imagens de fulgor divino:
Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra;
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura.
Combateste com ella como o cedro
Que provoca o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel magestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?
Um anjo viste de celeste encanto,
E aos pés cahiste da visão querida...
Engano! foi um astro passageiro,
Foi uma flôr de perfumado alento
Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jámais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A morte crua te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto
Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A terra, os homens, té o mar profundo
Conspirados achavas em teu damno.
Ave canora em solidão gemendo,
Tiveste o genio por algoz ferino:
Teu alento immortal era divino;
Perdeste em ser humano:

Indicos valles, solidões do Ganges,
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
D'esses hymnos que o tempo não çonsume.
Foi lá, n'essa rocha solitaria,
Que o vate desterrado e perseguido,
À patria ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

« Cantemos! » disse, e triumphou da sorte.
« Cantemos! » disse, e recordando glorias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.
Os desastres da patria, a sua quéda
Temendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que póde o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta;
No brado heroico da guerreira tuba
O valor portuguez sôa tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo
Inda hoje o mundo espanta!

Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!
Da patria e do cantor findava a sorte:
Aos dous juraram perdição e morte,
E os dous juntaram na mansão funerea...
Ingratos! ao que alçando a voz do genio
Além dos astros nos erguera um solio,
Decretaram por louro e capitolio
O leito da miseria!

Ninguem o pranto lhe enxugou piedoso...
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
« Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo! »
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne lusol!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente que fulmina a rocha,
Tambem a flôr que n'ella desabrocha,
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:
Que scena! em quanto ao longe a patria exangue
Aos alfanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera d'esse leito á beira
Sondar teu grande espirito n'essa hora,
Por saber, quando a mágoa nos devora,
Que dôr pôde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço
Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratiidão dos homens,
Natercia, a gloria, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte debuxadas,
Em teu pallido rosto já pendido;
E a patria, oh! e a patria que exaltáras
N'essas canções d'inspiração profunda,
Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os põe a nado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a gloria,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como em gigante pedestal segura:
« Patria querida, morreremos juntos! »
Murmurou em accento funerario,
E envolvido da patria no sudario
Baixou á sepultura.

Quebrando a louza do feral jazigo,
Portugal resurgiu, vingando a affronta,
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate immortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa em vão procura
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira
Recorda o gran cantor... porém calemos!
Silencio! do immortal não profanemos
Com tributos mortaes a alta memoria.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdôa:
Que valem mausoléos ante a corôa
De tua eterna gloria?

O OUTOMNO

Eis já do livido outomno
Pesa o manto nas florestas;
Cessaram as brandas festas
Da natureza louçã.
Tudo aguarda o frio inverno;
Já não ha cantos suaves
Do montanhez, e das aves,
Saudando a luz da manhã.

Tudo é triste! os verdes montes
Vão perdendo os seus matizes,
As veigas os dons felizes,
Thesoiro dos seus casaes;
Dos crestados arvoredos
A folha sêcca e myrrhada,
Cahe ao sôpro da rajada,
Que annuncia os vendavaes.

Tudo é triste! e o seio triste
Comprime-se a este aspecto;
Não sei que pezar secreto
Nos enluta o coração.
É que nos lembra o passado
Cheio de viço e frescura,
E o presente sem verdura
Como a folhagem do chão.

Lembra-nos cada esperança
Pelo tempo emmurhecida,
Mil aureos sonhos da vida
Desfeitos, murchos também;
Lembram-nos crenças fagueiras
Da innocencia d'outra idade,
Mortas á luz da verdade,
Creadas por nossa mãe.

Lembram-nos doces thesoiros
Que tivemos, e não temos;
Os amigos que perdemos,
A alegria que passou;
Lembram-nos dias da infancia,
Lembram-nos ternos amores,
Lembram-nos todas as flôres
Que o tempo á vida arrancou.

E depois assoma o inverno,
Que lembra o gêlo da morte,
Das amarguras da sorte
Ultima gota fatal...
É por isso que estes dias
Da natureza cadente,
Brilham n'alma tristemente
Como um cyrio funeral.

Mas animo! após a quadra
De nuvens e de tristeza,
Despe o luto a natureza,
Revive cheia de luz:
Após o inverno sombrio,
Vem a florea primavera,
Que novos encantos gera,
Nova alegria produz.

Os arvoredos despídos
Se revestem de folhagem;
Ao sôpro da branda aragem
Rebenta no campo a flôr;
Tudo ao vél-a se engrinalda,
Tudo se cobre de relva,
E as avesinhas na selva
Lhe cantam hymnos d'amor.

Animo pois! como á terra,
Tambem á nua existencia,
Vem, após a decadencia,
Ás vezes tempo feliz;
E a vida gelada, esteril,
Que o sôpro da morte abala,
Desperta cheia de gala,
Cheia de novo matiz.

Animo pois! e se acaso
Nosso destino inclemente,
Em vez de jardim florente,
Nos aponta o mausoléo;
Se a primavera do mundo
Já morreu, já não se alcança,
Tenhamos inda esperança
Na primavera do céu!

O NOIVADO DO SEPULCHRO

BALLADA

Vae alta a lua! na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou;
Que paz tranquilla! dos vaivens da sorte
Só tem descanso quem alli baixou.

Que paz tranquilla!... mas eis longe, ao longe
Funerea campa com fragor rangeu;
Branco phantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cypreste,
O mocho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se! com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguem...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto d'uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com a voz magoada
Os eccos tristes acordou assim:

« Mulher formosa que adorei na vida,
« E que na tumba não cessei d'amar,
« Porque atraçôas desleal, mentida,
« O amor eterno que te ouvi jurar?

« Amor! engano que na campa finda,
« Que a morte despe da illusão fallaz:
« Quem d'entre os vivos se lembrára ainda
« Do pobre morto que na terra jaz?

« Abandonado n'este chão repousa
« Ha já tres dias, e não vens aqui...
« Ai quão pesada me tem sido a lousa
« Sobre este peito que bateu por ti!

« Ai quão pesada me tem sido! » e em meio,
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

« Talvez que rindo dos protestos nossos,
« Goses com outro d'infernal prazer;
« E o olvido, o olvido cobrirá meus ossos »
« Na fria terra, sem vingança ter!

— « Oh nunca, nunca! » de saudade infinda
Responde um ecco suspirando além...
« Oh nunca, nunca! » repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fórmãs divinaes, airozas,
Longas roupagens de nevada côr;
Singela c'róa de virgineas rosas
Lhe cerca a fronte d'um mortal pallor.

« Não, não perdeste meu amor jurado:
« Vês este peito? reina a morte aqui...
« É já sem forças, ai de mim, gelado,
« Mas inda pulsa com amor por ti.

« Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
« Da sepultura, succumbindo á dôr:
« Deixei a vida... que importava o mundo,
« O mundo em trevas sem a luz do amor?

« Saudosa ao longe vês no céo a lua?
— « Oh vejo, sim... recordação fatal!
— « Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
« Durante a vida, e na mansão final.

« Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
« Hoje o sepulchro nos reúne emfim...
« Quero o repouso do teu frio leito,
« Quero-te unido para sempre a mim! »

E ao som dos pios do cantor funereo,
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já d'esse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dous esqueletos, um ao outro unido,
Foram achados n'um sepulchro só.

DESEJO

Oh! quem nos teus braços podéra ditoso
No mundo viver,
Do mundo esquecido no languido gozo
D'infundo prazer.

Sentir os teus olhos serenos, em calma,
Fallando d'além,
D'além! d'uma vida que sonha minha alma
Que a terra não tem.

Eu dera este mundo, com tudo o que encerra,
Por tal galardão:
Thesouros, e glorias, os thronos da terra,
Que valem, que são?

A sêde que eu tenho não morre apagada
Com tal aridez:
Podêsse eu ganhá-los, e iria seu nada
Depôr a teus pés.

E só desejando mais doce victoria,
Dizer-te: eis-aqui
Meu sceptro e sciencia, thesouros e gloria:
Ganhei-os por ti.

A vida, essa mesma daria contente,
Sem pena, sem dôr,
Se um dia embalasses, um dia sómente,
Meu sonho d'amor.

Isenta do laço que ao mundo nos prende,
A vida que val?
A vida é só vida se o amor n'ella accende
Seu doce fanal.

Aos mundos que eu sonho podésse eu contigo,
Voando, subir;
Depois, que importava? depois no jazigo
Sorrira ao cahir.

BOABDIL

ULTIMO REI MOURO DE GRANADA

De Granada nas torres já se ergue
O pendão de Castella temido;
Boabdil, o rei mouro vencido,
Deixa a terra em que ha pouco reinou.
Do Padul ás alturas chegado,
Fez parar o seu timido bando,
E o corcel andaluz volteando
Taes adeuses á patria mandou:

« Ai Granada, lá ficas entregue
« Para sempre aos guerreiros de Christo!
« Quem teus fados houvera previsto,
« Ó sultana de tanto poder?
« Acabou-se o dominio dos crentes
« N'este solo tão bello de Hespanha;
« Não ha força de heroica façanha
« Que nos possa das ruinas erguer.

« De Toledo, de Cordova, e Murcia,
« De Jaên, de Baêza, e Sevilha,
« Eras tu, ó gentil maravilha,
« Que inda as glorias fazias lembrar.
« E perdemos-te, ó flôr do occidente,
« Do Xenil ó princeza formosa!
« E curvamos a fronte orgulhosa
« Nós, os filhos valentes d'Agar!

« Deus o quiz! nossa raça punindo
« Fez baixar o seu anjo da morte,
« E das iras d'Allah no transporte
« Baqueou nossa altiva nação!
« Nossos odios civis nos perderam,
« N'este abysmo fatal nos lançaram,
« E nem mesmo o valor nos deixaram
« De morreremos com nosso pendão.

« Ó guerreiros das eras passadas,
« Vencedores da Hespanha descrida,
« Lá n'esse eden feliz da outra vida
« Vossas faces cobri de rubor!
« Este braço que ousou vossos louros
« Arrastar ante os pés de Fernando,
« Não ousou n'este peito nefando
« Embeber um punhal vingador!

« Deshonrado, do throno banido,
« Que me resta por sorte futura?
« Uma vida cobarde e obscura
« No paiz em que outr'ora fui rei...
« Nunca, nunca! o destino contrario
« D'além-mar nosso berço me aponta:
« Lá irei resgatar-me da affronta,
« Lá dos bravos a morte haverei.

« Para sempre adeus pois, ó Granada!
« Adeus, muros, e torres vermelhas
« Que brilhaes como vivas centelhas
« Nas verduras de tanto jardim!
« Adeus, paços e fontes d'Alhambra!
« Adeus, altas, soberbas mesquitas!
« E vós, thronos das luas proscriptas,
« Ó Comares, ó forte Albaicim!

« Para sempre, ai, adeus! té á morte
« Viverás n'este peito, ó Granada!
« Mas de balde, ó mansão adorada,
« Que estes olhos jámais te hão de vêr...
« Acabou-se o dominio dos crentes
« N'este solo tão bello de Hespanha;
« Não ha força de heroica façanha
« Que nos possa das ruinas erguer. »

Disse, e o pranto nas faces corria
Do rei mouro, dos seus que restavam.
Longe ao longe as trombetas soavam
Em Granada já feita christã:
Era o canto d'alegre triumpho
Em redor dos pendões de Fernando;
Era o grito d'Allah desterrando
Das Hespanhas os crentes do Islâm.

CANÇÃO

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzella;
Não temas, ó bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

A luz infinita
Dos astros, crepita,
Arqueja e palpita,
Serena a brilhar:
Assim o teu seio,
De casto receio,
De timido enleio,
Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,
Que os seios inflamma,
Fanal de quem ama,
Desponta no céu;
E a nitida fronte
Retrata na fonte,
E estende no monte
Seu candido véo.

E a fonte murmura
Por entre a verdura,
E ao longe d'altura
Lá desce a gemer:
Que sons, que folgedos!
Parece aos rochedos
Dizer mil segredos
D'infundo prazer.

Silencio! o trinado
Lá solta enlevado,
Das noites o amado,
Da selva o cantor;
E o hymno que entôa
No bosque resôa,
E ao longe revôa
Gemendo d'amor.

O facho da lua
Co'a sombra fluctua,
Avança e recua
No chão do jardim;
Nas azas da aragem,
Que agita a folhagem,
Recende a bafagem
Da rosa e jasmin.

Que noite d'encanto!
Que lucido manto!
Que noite! amo tanto
Seu mudo fulgor!
Oh! vem, ó donzella;
Não temas, ó bella,
Que á noite só vela
Quem sonha d'amor.

À PATRIA

AO MEU AMIGO A. C. LOUSADA

(1852)

Esta é a ditosa patria minha amada.
CAMÕES—*Ins.*

« Esta é a ditosa patria minha amada! »
Este o jardim de matizadas flôres,
Onde os céos com a terra abençoada
Rivalisam nas galas e primores.

Este o paiz das tradições brilhantes,
Onde cresceu a palma da victoria,
Onde o mar conta ás praias sussurrantes
Longinquos feitos d'extremada gloria.

Esta a nação de laureada frente,
Esta a ditosa patria minha amada!
Ditosa e grande quando foi potente,
Hoje abatida, sem poder, sem nada.

Patria minha, que tens, que em desalento
Vergas a fronte que alterosa erguias?
Porque fitas o gélido moimento,
Perdida a força dos antigos dias?

Que fizeste do genio destemido
Com que domavas esse mar profundo,
E sorrias das vagas ao rugido,
Ignotas praias descobrindo ao mundo?

Onde está esse vasto capitolio
De tuas glorias, o soberbo oriente,
Lá onde erguida em triumphante solio
Empunhavas teu sceptro refulgente?

Então eras tu grande! os reis da terra
Derramavam-te aos pés os seus thesouros;
O mar saudando teus pendões de guerra,
Gemia ao pêso de teus verdes louros.

Então de lanças e d'heroes cercada,
Avassallando a India e a Africa ardente,
A cada golpe da valente espada
Mais uma palma te adornava a frente.

Então prostradas mil hostis phalanges,
Retumbava o fragor de teus combates
Desde as praias de Ceuta além do Ganges,
Fazendo estremecer o Nilo e Euphrates.

Então eras tu grande! hoje esquecida,
Um ecco apenas de teu nome sôa;
Nos braços da victoria adormecida,
Perdeste o sceptro e a magestosa c'roa.

Os fortes pulsos entregaste aos laços
Da tyrannia e rude fanatismo,
E descachidos os potentes braços,
Caminhaste sem forças ao abysmo.

Um livro apenas te ficou, ô triste,
Por epitaphio da passada gloria;
Tudo o mais acabou, já nada existe
De tanto resplendor, mais que a memoria.

Das quinas os pendões já não revoam,
Aguias altivas, sujeitando os mares;
Teus gritos de victoria, ai! já não soam
Na Lybia e nos gangeticos palmares.

Nações obscuras quando o mundo inteiro
Já tuas glorias aprendido tinha,
Vendo apagado teu ardor guerreiro,
Arrancaram teu manto de rainha.

E repartindo entre ellas seus pedaços,
E soltando depois feroz risada,
Disseram ao passar, cruzando os braços:
« Oh! como essa nação jaz aviltada! »

E teus heroes nas tumbas inquietos,
Vendo insultadas tuas altas glorias,
Agitaram seus frios esqueletos,
Despedaçando as lapides marmoreas.

E cada qual das pregas do sudario,
Erguendo a dextra que empunhára a lança,
De pé sobre o jazigo funerario,
Com torva indignação bradou: vingança!

Debalde! ao vêrem sem valor as quinas,
Elles murmuram nas geladas campas:
Tu, quem sabe? ditosa te imaginas,
E em tua historia mil baldões estampas.

Nação que dormes do sepulchro á borda,
Ergue-te, surge como outr'ora ovante!
Teu genio antigo, teu valor recorda,
E aprende n'elle a caminhar ávante!

Se longos annos d'opressão funesta
Te pesaram na fronte hoje abatida,
No seio de teus filhos inda resta
Fogo bastante para dar-te vida.

Longe da senda que gerou teu damno,
Desata o vôo por espaços novos;
E o ardor que te levou além do oceano,
Além te levará dos outros povos.

Ah! possa, possa ainda a meiga aurora
D'esse dia feliz brilhar-me pura!
Possa esta lyra, que teus males chora,
Dar-te cantos de gloria e de ventura!

Mas ah! se negra pagina sombria
Tens de volver em teus crueis fadarios,
Se o archanjo das ruinas ha de um dia
Pairar sobre os teus restos solitarios:

Terra da minha patria, ouve o meu brado,
Se inda da vida me restar o alento,
Tu que foste meu berço idolatrado,
Sê minha tumba em teu final momento!

ROSA BRANCA

Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa que ao soprar do vento
Languida verga para o chão pendida.

Como a rosa dos valles, pura e bella
Nos campos da existencia ella floria,
Como a rosa dos valles que inda envolta
No orvalho da manhã, desdobra o calix
Ao sol nascente, perfumando as auras.
A idade das paixões mal despontava
Em seu meigo horisonte. Estava ainda
No declinar da melindrosa infancia,
D'essa quadra feliz em que a existencia
É sonho encantador, em que os momentos
Se deslizam na vida como as aguas
De brando arroio, humedecendo os prados.
Mas quão formosas já, quão seductoras,
Por entre as graças da mimosa infancia,
As graças juvenis lhe transluziam!

Com as socias da infancia ao vê-a ás tardes
Vagando em seu jardim, vós a dissereis
A açucena viçosa entre as boninas,
Ou, entre os lumes da siderea noite,
A estrella da manhã. E, todavia,
Ignorava o poder de seus encantos:
No mundo que a cercava, outras imagens,
Outros amores não sonhava ainda,
Além de sua mãe que a idolatrava,
De seu pequeno irmão, de suas flôres.

E eu amava aquelle anjo como se amam
Os sonhós d'innocencia d'outra idade,
Ou como essas visões, que nos enlevam,
De mundos d'harmonia a que aspiramos.

Vi-a uma vez, ao descahir da tarde,
No jardim assentada ao pé da fonte,
Olhando o tenro irmão, que em seu regaço
Depozera as boninas que ajuntára.
No regaço tambem, junto das flôres,
Repousava, serena dormitando,
A pomba que ella amava, e que sem medo
Viera procurar tão doce ninho.
Nunca a meus olhos se mostrou tão bella,
Tão cheia d'innocencia. D'alvas roupas
Suas fórmas angelicas cingidas,
Se desenhavam, em gentil contorno,
Nas verdes murtas que o jardim ornavam:

Parecia qual cysne repousando
Entre a verdura, de seu lago á beira.
Uma rosa nevada, como as roupas,
Lhe adornava as madeixas côr da noite,
As formosas madeixas que n'essa hora
Contrastavam mais negras, e mais bellas,
Co'a leve pallidez que reflectia,
Em seu rosto adoravel e sereno,
O clarão melancolico da tarde.
Com terna languidez a face meiga
Recostava na mão, curvado o braço,
Em quanto com a outra ora afagava
Sua pomba querida, ora os cabellos
Compunha ao doce infante, que, sorrindo,
Uma após outra lhe mostrava as flôres.

Ao vê-la assim formosa, ao vêr o grupo
Que fazia com ella o par mimoso,
A mente arrebatada afigurou-m'a
Celeste archanjo que baixára ao mundo
A recolher as orações da tarde,
E que o infante e a pomba achando juntos,
E a innocencia do céu vendo na terra,
Dos irmãos se esquecêra e alli ficára.

Archanjo d'innocencia, ai foge, foge!
Não te illuda este mundo onde poisaste,
Este mundo fallaz, de ti indigno,
Que tuas azas de brancura estreme

Com seu veneno talvez manche um dia.
Archanjo d'innocencia, ai foge! foge!
Procura teus irmãos, revôa á patria!

E fugiu, e voou. No mesmo sitio,
Uma tarde tambem junto da fonte,
A mãe a foi achar sósinha e triste.
A suas plantas uma rosa branca
Jazia desfolhada: era das flôres
A flôr que mais queria. Ao vêr ao lado
A mãe que idolatrava, estremecêra.
Pobre innocente! recebeu acaso
Não poder por mais tempo disfarçar-lhe
Seu cruel padecer. A ardente febre
Lhe devorava o seio, e não gemia.
Mas seu dia chegava... A exhausta fronte
Lhe pendeu sem alento, e immersa em pranto,
No regaço da mãe sumiu a face,
Que já cobria a pallidez da morte.
Tres dias depois d'este a flôr mimosa
Que as grinaldas celestes invejavam,
Cahia desfolhada no sepulchro.

Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa que ao soprar do vento
Languida verga para o chão pendida.

ENFADO

Dos homens ai quem me dera
Longe, bem longe viver!
Junto de mim só quizera,
Como eu sonho, um anjo ter.
Que esse anjo surgisse agora,
E o mundo folgasse embora
Em seu nefando prazer.

Que vista! cede a innocencia
Á voz do crime traidor;
Folga a devassa impudencia,
Nas faces não ha rubor.
Traz o vicio a fronte erguida,
E a virtude, sem guarida,
Geme transida de dôr.

Vão ao templo da cubiça,
Vão todos sacrificar:
Consciencia, fé, justiça,
Tudo lhe deixam no altar.
Devora-os a sêde d'ouro;
O seu deus é um thesouro,
Porque o viver é gosar.

E que importa que o infante
Morra á fome, e o ancião?
Que importa que gema errante
O proletario, sem pão?
Oh! que importa que o talento
Esmoreça ao desalento?
Que val do genio o condão?

Proclamou-se a lei do forte:
A lei do fraco é gemer.
Ai do triste a quem a sorte
Fez entre espinhos nascer!
É um dogma a tyrannia,
A liberdade heresia,
A servidão um dever.

Que tempos, que tempos estes!
Quem ha de viver assim
N'um mundo que rasga as vestes
Do justo, no seu festim?
Quem ha de? mas esperança!
Um dia foge, outro avança,
E a redempção vem no fim.

Hoje, porém, quem me dera
Longe dos homens viver!
Junto de mim só quizera,
Como eu sonho, um anjo ter.
Que esse anjo surgisse agora,
E o mundo folgasse embora
Em seu nefando prazer.

ANHELOS

Que immenso vacuo n'este peito sinto!
Que arfar eterno de revolto mar!
Que ardente fogo, que jámais extincto
Sómente afrouxa para mais queimar!
Ai! esta sêde que meu peito rala,
Talvez a apague mundanal prazer:
Alli ao menos poderei fartal-a,
Ou n'um lethargo sem paixões viver.

Mas d'essa taça já provei... não quero!
Quero deleites que inda não senti...
A lucta, os riscos d'um combate fero!
Talvez encantos acharei alli.

A lucta, os riscos, em acção travadas
Guerreiras hostes disputando o chão;
O sangue em jorros, o tinir d'espadas,
O fumo e o fogo do voraz canhão!
Alli os gôsos d'um feroz delirio,
Á luz das armas, sentirei em mim,
Ou n'uma d'ellas o funereo cyrio
Que á paz dos mortos me conduza emfim.

Mas não, não quero sobre a terra escrava
A vis tyrannos immolar o irmão...
O mar, o mar, que em sua furia brava
Ninguem domina com servil grillhão!

O mar, o mar! sobre escarcéos revoltos
Em fragil lenho fluctuar me apraz,
Ao som das vagas e dos ventos soltos,
E das centelhas ao clarão fugaz.
Alli sorrindo da feroz tormenta,
E dos abysmos que me abrir aos pés,
Dentro d'esta alma de prazer sedenta
Sublime gôso sentirei talvez.

Mas o mar livre tem um leito ainda
Que os meus anhelos poderá sosteer...
O espaço, o espaço! na amplidão infinda
Talvez que possa o coração encher.

O espaço, o espaço! qual ligeiro vento
Irei lançar-me n'esse mar sem fim,
E a longos tragos aspirar o alento,
Sentir a vida que desejo em mim...
Ora aguia altiva, desprezando o solo,
O rei dos astros buscarei então,
Ora entre as neves do gelado polo
Voarei nas azas do veloz tufão.

Mas solitario, sem cessar errante,
De que valêra na amplidão correr?...
A gloria, a gloria, que em painel brilhante
Me off'rece a imagem d'um maior prazer!

A gloria, a gloria! mil trophéos ganhados,
Mil verdes palmas e laureis tambem;
Triumphos, c'rôas e sonoros brados
Da turba — é elle! — repetindo além...
Então em sonhos d'uma vida infinda
Verei a chamma d'immortal pharol,
Que em meu sepulchro resplandeça ainda,
Bem como a lua quando é morto o sol.

Mas não, que a inveja com a voz mentida
A luz em sombras poderá tornar...
O amor, o amor, que redobrando a vida,
A vida n'outrem me fará gosar!

O amor, o amor, celestial perfume
Que a mão dos anjos sobre nós verteu,
Doce mysterio que n'um só resume
Dous pensamentos aspirando ao céo!
O amor, o amor, não mentiroso incenso
Que em frios labios só no mundo achei,
Mas immutavel, mas sublime e immenso
Qual em meus sonhos juvenis sonhei...

O amor! só elle poderá n'esta alma
Risonhas crenças outra vez gerar,
De minha sêde mitigar a calma,
E inda fazer-me reviver, e amar.

O FILHO MORTO

No povo d'além da serra
Vai a noite em mais de meio,
E a pobre da mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

« Acorda, meu filho, acorda,
« Que esse dormir não é teu;
« É como o somno da morte
« O somno que a ti desceu.

« Tarda-me já um sorriso
« Nos teus labios de rubim;
« Acorda, meu filho, acorda,
« Sorri-te ledó p'ra mim. »

Mas o infante moribundo
Em seu regaço expirou;
E a mãe o cobriu de beijos,
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
Dous dias chorou tambem;
Ao terceiro o sino triste
Dobrou á morte d'alguem.

E á noite no cemiterio
Outro jazigo se via:
Era a mãe que ao pé do filho
Na sepultura dormia.

SOCRATES

Já proximo do occaso vae descendo

O sol ao mar inquieto,

Os moribundos raios estendendo

Nas alturas do Hymeto;

E Socrates, sentado sobre o leito,

Inda aos alumnos falla,

No silencio geral notando o effeito

Da razão que os abala.

A verdade sublime lhes revela

Em palavras ignotas,

Suaves como a voz de Philomela,

Ou do cysne do Eurotas.

Cebes, o proprio Cebes emmudece,

Simmias já não duvida:

Nos olhos do inspirado resplandece

Um Deus é a eterna vida!

Mas o sol expirava: era o momento
Que Athenas decretára:
Cumpre os deuses vingar: o sabio attento
Á morte se prepara.

Os discipulos tremem contemplando
O dia já no resto;

Eis o servo dos onze entra chorando
No carcere funesto.

O circulo cruzando, a bronzea taça
A Sócrates estende;

O philosopho a empunha com a graça
Que nos festins resplende.

« Ergamos, disse, nossa prece Áquelle

« Que ao longe nos convida,

« Por que seja feliz por meio d'Elle

« A viagem temida. »

E aproximando intrepido e sereno

A liquida cicuta,

Como nectar a esgota, e do veneno

Entrega a taça enxuta.

Um lamento geral, um só transporte

Percorre em torno o bando

Dos alumnos fieis, chorando a sorte

Do mestre venerando.

Apollodoro geme; succumbindo,

Criton lhe corresponde;

Phédon abaixa os olhos, e carpindo

No manto o rosto esconde.

Elle sem vacillar, elle sómente,
Sorrindo á turba anciada;
« Amigos, que fazeis? um sol fulgente
« Me luz em nova estrada.
« De presagios felizes rodeemos
« Os ultimos instantes!
« Chore quem não tem fé: nós que já crêmos,
« Nós sejamos constantes! »
Disse, e deixando o leito em que jazia
Serenamente move o passo,
Que o veneno lethargico devia
Óbrar pelo cansaço.
Das grades se aproxima, olha o Parthénon,
Olha os muros d'Athenas,
O Phaléro, o Pireu e as que lhe acenam
Regiões são serenas;
Olha os céos, olha a terra, a luz do dia
Expirando nas vagas,
E de harmonias taes se ergue á harmonia
De mais ditosas plagas.
Depois, volvendo ao leito, diz a tudo
O adeus da dêspedida;
Cobre o rosto c'o manto, e aguarda mudo
O instante da partida.

O veneno progride, e já do effeito
Redobra a intensidade;
Dos membros se apodera, sobe ao peito,
E o coração lhe invade.

Estremeceu! do gelido trespasse

Era emfim a agonia...

O executor lhe descobriu a face:

Socrates não vivia!

Triumphas, cega Athenas, ao martyrio

O sabio condemnaste,

E d'olympicos deuses no delirio

A razão engeitaste;

À voz do Areopágo, à voz de ferro

Suffocaste a doutrina:

A verdade succumbe, a sombra do erro

No mundo predomina.

Mas que estrella futura se levanta

Rasgando a escuridade?

Que palavra resôa, e o mundo espanta

Prégando a alta verdade?

É elle, é elle, o promettido às gentes

Na voz das prophecias!

Curvae, ó gerações, curvae as frentes

Ao verbo do Messias!

A * * * *

Acaso és tu a imagem vaporosa
Que me sorriu nos sonhos d'outra idade,
Como a luz da manhã sorri formosa
Nos espaços azues da immensidade?
És tu esse astro que minha alma anhela,
Que debalde busquei no mar-da vida,
Qual busca o nauta bonançosa estrella
No meio da procella enfurecida?
Ah! se és esse ente que meu ser domina,
Se és essa estrella que meu fado encerra,
Se és algum anjo da mansão divina
 Pairando sobre a terra;
Já que baixaste a mim, já que a meu lado
Me apontaste sorrindo o ethereo véo,
Não me deixes na terra abandonado,
 Transporta-me ao teu céu!

ULTIMOS MOMENTOS DE ALBUQUERQUE

AO MEU AMIGO A. AYRES DE GOUVEIA

Companheiros, sinto a morte
Pairando já sobre mim;
Cessaram vaiyens da sorte,
Desço á terra, d'onde vim...
Do calix da desventura
Eis esgotada a amargura;
No leito da sepultura
Terei descanso por fim.

Terei: a campa é um asylo
Que ao impio deve aterrar,
Mas eu dormirei tranquillo
Sob a lagea tumular.
Eu... desgraçado, que digo!
Nem lá espero um abrigo,
Que os meus restos no jazigo
Irão talvez insultar.

Murmurando: « aqui repousa
Um desleal portuguez, »
Irão partir minha lousa,
Meu nome calcar aos pés:
E o guerreiro que descansa
Não poderá, por vingança,
Brandir na dextra uma lança,
Cingir ao peito um arnez...

Quaes foram, rei, os meus crimes
Para haver tal galardão?
Por que a fronte assim me opprimes
Com a tua ingratitude?
De vis intrigas cercado
Ouviste seu impio brado,
E sobre as cans do soldado
Lançaste negro baldão.

Não merecia tal premio
Quem debaixo d'este céu,
Da roxa aurora no gremio,
Um novo imperio te deu;
Quem á custa d'uma vida
Nas batalhas consumida,
Ante as quinas abatida
A India inteira rendeu.

Por dar-te a c'roa brilhante
Que em tua fronte reluz,
Fiz a meus pès arquejante
Cahir a opulenta Ormuz;
Malaca sentiu meu raio,
E em Gôa, roto o Sabaio
Entre o sangue, entre o desmaio,
Alcei o pendão da cruz.

Então desde o Nilo ao Ganges
Cem povos armados vi,
Erguendo torvas phalanges
Contra mim e contra ti;
Vi os filhos do deserto
Em ondas rugindo perto;
Mas com ferro em campo aberto
Às suas iras sorri.

Contra as lanças portuguezas
A India luctou em vão,
Que em troca d'ouro e riquezas
Veio comprar seu grilhão.
Aos golpes de meus soldados
Vi seus thronos abalados,
Vi ante mim ajoelhados
Reis d'Onor e de Sião.

Mas d'Asia não pôde o ouro
Cegar-me com seu fulgor,
Porque a honra é o thesouro
Dos meus passados, senhor.
Eu quíz adornar-te a frente
C'um diadema refulgente:
Ganhei o sceptro do Oriente,
E a teus pés o fui depôr.

N'esses campos de batalha
Onde audaz o conquistei,
Das armas sob a mortalha
Porque exangue não findei?
Entre os louros da victoria
Morrêra ao menos com gloria:
Do teu soldado a memoria
Não a mancháras, ó rei.

Eu desleal?! se meus brados
Podem chegar até vós,
Erguei-vos, restos sagrados
De meus extinctos avós!
Erguei-vos da campã fria,
E com sangue, á luz do dia,
Lavae a nódoa sombria
Que arrojaram sobre nós!

Eu desleal... mas ao mundo
Que vale queixas mandar?
As vozes d'um moribundo
Não vão na terra eccoar...
Surge, ó mortel... e vós, amigos,
Socios de tantos perigos,
Vinde... nem só inimigos
Me restam ao expirar.

No reino vos deixo um filho:
Nossos feitos lhe ensinae;
Dizei-lhe qual foi o trilho
Què em vida seguiu seu pae...
Dizei-lhe qual foi meu norte;
Mas, em quanto á minha sorte,
Oh! não lhe aponteis a morte,
A vida só lhe apontae...

E se fallardes um dia
A dom Manoel, o feliz,
Dizei-lhe que na agonia
Albuquerque o não maldiz;
Que á beira da sepultura,
Para um filho sem ventura,
Invoco sua ternura,
Se alguns serviços lhe fiz.

E vós... e vós, portuguezes,
Nossa patria defendei;
Dae-lhe os peitos por arnezes,
Seja a patria vossa lei.
N'um throno que ella não tinha
Eu vol-a deixo rainha,
Mas não sei o que adivinha
Meu pensamento... não sei.

Entre as sombras do futuro,
Meu Deus! a patria em grillhões!
Pelo mar em vão procuro
Seus orgulhosos pendões...
Coberta d'amargo pranto,
Lá se envolve em negro manto...
Lá roja a face em quebranto...
Ella, a grande entre as nações!

Oh! se este braço podéra
A fria lousa quebrar,
Este braço inda se erguêra
Da tumba, para a salvar;
Apontando-lhe a vingança,
Inda lhe dera esperança,
E empunhando a antiga lança,
Á morte a fôra arrancar.

Mas eis marcado o momento
No livro d'além dos céos...
Eis a morte... o passamento...
São findos os dias meus...
Companheiros de victoria,
De tantos dias de gloria,
Guardae... guardae na memoria,
D'Albuquerque o extremo adeus...

A morte... a morte... que aneio!
Sinto um gêlo sepulchral...
Abre-me, ó terra, o teu seio,
Quero o repouso final...
Desce, guerreiro cansado,
Desce ao tumulto gelado...
Mas a affronta... deshonorado...
India... filho... Portugal!...

A TI

Oh! quão formoso me surge o dia
Lá quando a noite se inclina ao mar,
Quando na aurora, que me extasia,
Teu bello rosto cuido avistar!
Não sei que esp'rança jámais sentida
Então me adeja no peito aqui;
É que na aurora saúdo a vida,
Outr'ora escura, sem luz, sem ti.

Correm as horas, a noite avança,
A lua brilha com meigo alvor;
Então minha alma, que em paz descança,
Divaga em sonhos d'ignoto amor.
No véo d'estrellas, na branca lua
Meus olhos buscam olhos que eu vi,
E o pensamento longe fluctua,
E uma saudade revôa a ti.

Eis que adormeço, e um anjo assoma
Todo cercado d'etherea luz;
De seus cabellos recende o aroma
Das castas rosas que o céu produz.
O céu me aponta, sorri-lhe a face;
Acordo, e o anjo foge d'alli;
Mas em meu peito logo renasce
Doce esperança que vem de ti.

Já pela terra surgem verdores,
Auras serenas baixam do céu,
As aves cantam novos amores,
Tudo se cobre d'um floreo véo;
E céos e terra, montes, paizagem,
Tudo a meus olhos, tudo sorri;
É que alli vejo só tua imagem,
E que hoje vivo mas só por ti.

Talvez que eu sinta meu pobre enleio
Passar qual brilho de luz fugaz:
Que importa? ao menos dentro em meu seio,
Já morta a esperança, tu viverás.
Oh! sim, que os dias são mais serenos
Com tua imagem gravada alli;
Té mesmo a morte custará menos,
Junto ao sepulchro pensando em ti.

INFANCIA E MORTE

« Ó mãe, o que fazes? em cama tão fria
« Não durmas a noite... saiamos d'aquí...
« Acorda! não ouves a pobre Maria,
« Pequena, sósinha, chorando por ti?

« Porque é que fugiste da nossa morada,
« Que alveja saudosa no monte d'além?
« Depois que tu dormes na terra gelada,
« Quão só ficou tudo mal sabes, ó mãe.

« A nossa janella não mais foi aberta,
« O fogo apagou-se na cinza do lar,
« As pombas são tristes, a casa deserta,
« E as flores da Virgem se vão a murchar.

« Oh! vamos, não tardes... mas tu não respondes...
« Em vão todo o dia meu pranto correu;
« No fundo da cova teu rosto me escondes,
« Não ouves, não fallas... que mal te fiz eu?

« Escuta! na torre de frestas sombrias
« O sino da ermida começa a tocar...
« Acorda! que o toque das Ave-Marias
« Á imagem da Virgem nos manda rezar.

« A lampada exhausta de Nossa Senhora
« Ficou apagada, precisa de luz:
« Oh! vem accendê-la, e á Mãe que se adora
« Alli rezaremos, e ao Filho na cruz.

« Depois á costura, sentada a meu lado,
« Tu has de contar-me, bem junto de mim,
« Aquellas historias d'um rei encantado,
« De fadas e moiras, d'algum cherubim.

« A d'hontem foi triste, pois triste fallavas
« De vida e de morte, d'um mundo melhor;
« E o rosto cobrias, e muda choravas,
« Lançando teus braços de mim ao redor.

« Depois em silencio teus olhos fechaste,
« Tão pallida e fria qual nunca te vi;
« Chamei-te era dia, mas não acordaste,
« E em quanto dormias trouxeram-te aqui.

« Oh! vamos, não tardes, que as noites sombrias,
« Sem ti a meu lado, me causam pavor;
« Acorda! que o toque das Ave-Marias
« Nos diz que rezemos á Mãe do Senhor. »

Taes eram as queixas da pobre Maria...
O sino da ermida cessou de tocar...
E a mãe entretanto dormia, dormia;
Do somno da morte não pôde acordar.

Tres dias, tres noites a filha sósinha
No adro da igreja por ella chamou...
Ao fim do terceiro já força não tinha;
Da mãe sobre a campa, gemendo, expirou.

O CANTO DO LIVRE

AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA

Gema embora a terra inteira
Acurvada a iniquas leis:
Esta fronte sobranceira
Jámais de rojo a vereis.
Oh! ninguém, ninguém a esmaga,
Que eu sou livre como a vaga,
Que sacode sobre a plaga
O jugo d'altos baixeis.

Liberdade é o mote escripto
No céu, na terra, e no mar!
Dil-o a fêra no seu grito,
E as aves cruzando o ar;
Dil-o o vento da procella,
A vaga que se encapella,
E nos espaços a estrella
Em seu continuo gyrar.

Dil-o tudo! mas ainda
Mais livre me creou Deus
Que os astros da altura infinda,
Os ventos, e os escarcéos.
Eu tenho mais liberdade
D'esta alma na immensidade,
Pois tenho n'ella a vontade,
Tenho a razão, luz dos céos.

Eu sou livre! erguendo a fronte
Diz-m'o uma voz na amplidão,
Quando de pé sobre o monte
Me elevo rei da soidão;
Quando além do firmamento
Alçando meu pensamento,
Solto nas azas do vento
Meu canto d'inspiração.

Eu sou livre! eis minha crença,
Nem força contra ella val.
Que um tyranno enfim me vença:
Triumpharei por seu mal.
Triumpharei, que algemado
E diante d'elle arrastado,
Sou livre! será meu brado
Té ao momento final.

E que importa que o tyranno,
Jurando vingança atroz,
Faça erguer, sorrindo ufano,
Um cutelo á sua voz?
Minha frente sempre erguida
Ha de encaral-o atrevida,
E só cahir abatida
Ao rolar aos pés do algoz.

Mas nunca! pois fôra um preito
Dar os pulsos ao grillhão.
Tenho um ferro, e n'este peito
Tenho um livre coração!
Não! jámais serei captivo!
Se vencido restar vivo,
Cahirei, sorrindo altivo,
Sob o punhal de Catão!

SAUDADE

Assim, pallida lua, assim teu rosto
Fulgurava tranquillo n'essa noite
Em que o adeus lhe murmurei sentido;
Quando, após os momentos preciosos
Em que, inda pude vê-la, inda escutal-a,
Afoitando meu animo indeciso,
Sua trémula voz me disse: parte...
Em tanto que uma lagrima furtiva
Lhe escorria na face melindrosa,
Mais pallida que a tua...

Astro saudoso;
Astro da solidão, quanto me aprazes!
Eu amo o teu silencio, amo o teu brilho,
Mais que do sol os importunos raios.
Que me importa d'esse astro a luz e a vida,
Se a luz e a vida me ficaram longe?
Se em meio do rumor que o dia espalha,
A voz não ouço que responde á minha?

Estes valles, e selvas, estes montes,
À luz do dia, são talvez formosos;
Mas não é este o ar que ella respira,
Não são estes os sitios que ella encanta
Com seu mago sorriso. O dia é mudo;
Porém tu surges, solitaria amiga,
Tu vens fallar-me d'ella, astro saudoso.

Lua, d'esse aureo throno onde campeias,
Tu vês os sitios caros. Que faz ella?
Acaso, como pomba fatigada,
Repousa adormecida? Verte, ó lua,
Verte-lhe em torno o perfumado alento
Que a noite rouba ás orvalhadas flôres.
Mas não; talvez agora em mim pensando,
Agora mesmo sobre o teu semblante
Ella fixa tambem os olhos tristes,
E nossos pensamentos, nossas vistas
Se confundem em ti. Oh! não podermos,
Adejando como elles n'esse espaço,
Embora por momentos confundir-nos
Em teu regaço, deslembrando a ausencia!
Ao menos, astro amigo, ordena, ordena
Que o anjo da saudade, que em ti mora,
Desça, e lhe diga o que minha alma sente.
Oh! quando solto d'importunos laços,
Demandando outros céos, hei de já livre
Vêl-a, ouvil-a, fallar-lhe? Quem o sabe?

Mas tu entanto, confidente meiga,
Em cada noite vem fallar-me d'ella;
E em meu peito sombrio e solitario
Derrama, envolto no teu doce brilho,
O balsamo suave da esperanza.
Assim possas tu ser, benigna deusa,
A invocada dos tristes; e se acaso
Amas tambem, se algum remoto lago
Entre floridas margens escondido
Te prende as affeições, possas tu sempre
No crystallino azul de suas aguas
Sem nuvens espelhar teu rosto ameno!

AMOR E ETERNIDADE

Repara, doce amiga, olha esta lousa,
E junto aquella que lhe fica unida:
Aqui d'um terno amor, aqui repousa
O despojo mortal, sem luz, sem vida.
Esgotando talvez o fel da sorte,
Poderam ambos descansar tranquillos;
Amaram-se na vida, e inda na morte
Não pôde a fria tumba desunil-os.
Oh! quão saudosa a viração murmura
 No cypreste virente
Que lhes protege as urnas funerarias!
E o sol, ao descahir lá no occidente,
 Quão bello lhes fulgura
 Nas campas solitarias!
Assim, anjo adorado, assim um dia
De nossas vidas murcharão flôres...
Assim ao menos sob a campa fria
Se reunam tambem nossos amores!

Mas que vejo! estremece, e teu rosto,
Teu bello rosto no meu seio inclinas,
Pallido como o lirio que ao sol posto

Desmaia nas campinas?

Oh! vem, não perturbemos a ventura
Do coração, que jubiloso aneia...
Vem, gosemos da vida em quanto dura;
Desterrêmos da morte a negra ideia!
Longe, longe de nós essa lembrança!
Mas não receies o funesto côrte...

Doce amiga, descança:

Quem ama como nós, sorri á morte.

Vês estas sepulturas?

Aqui cinzas escuras,

Sem vida, sem vigor, jazem agora;
Mas esse ardor que as animou outr'ora,
Voou nas azas d'immortal aurora

A regiões mais puras.

Não, a chamma que o peito ao peito envia
Não morre extincta no funereo gêlo.

O coração é immenso: a campa fria

É pequena de mais para contê-lo.

Nada receies, pois: a tumba encerra

Um breve espaço e uma breve idade;

E o amor tem por patria o céu e a terra,

Por vida a eternidade!

O ESCRAVO

Tremes, escravo? baqueias
Entre os muros da prisão?
Vergado sob as cadeias
Rojas a fronte no chão?
Já da turba ao longe o grito
Pede teu sangue maldito:
Sentes, escravo proscrito,
Vacillar teu coração?
Não sinto! nada perturba
Minha alegria feroz:
Nem o bramir d'essa turba,
Nem a lembrança do algoz.
Vinguei-me! nada me aterra.
Curvae-vos, homens da terra!
Contra mim jurastes guerra;
Guerra jurei contra vós.

Eu era livre sem méta
Como as ondas lá no mar;
Era livre como a sêta
Quando sibila no ar:
Foi vossa avidez tyranna
Que me algemou deshumana..
Ó minha pobre choupana!
Ó florestas do meu lar!

Além, além nas florestas,
Foi além onde eu nasci;
Onde sêm prisões funestas
Já venturoso vivi.
Foi dos bosques na espessura
Que eu tive amor e ternura;
Mas liberdade e ventura,
Patria, amor, tudo perdi.

Perdi tudo! além da morte
Já não me resta ninguém.
Tinha um pae: a negra sorte
Do filho soffreu também.
Trouxe da patria distante
O ferreo jugo aviltante,
Inda eu era tenro infante
Nos braços de minha mãe.

Minha mãe!... oh! quantas vezes
Me vinha a triste abraçar,
E carpindo os seus revezes,
Fitava os olhos no mar!
Seu pranto cahia ardente,
Em bagas, na minha frente;
E eu, pobre infante innocente,
Chorava de a vêr chorar.

Mais tarde, quando o navio
Me trazia á escravidão,
Nas praias do mar bravio
Eu a vi cahir no chão;
Via-a atravéz dos espaços,
Morrendo, estender-me os braços...
Sacudi meus ferreos laços;
Mas, ai de mim! era em vão.

Perdi-a! só me restava
A virgem do meu amor,
Que a mulher que eu adorava
Quiz partilhar minha dôr.
Mas tinha sua belleza
Só d'um escravo a defeza...
Devia, oh raiva! ser prêza
De meu infame senhor.

E eu, soberbo vezes tantas,
Curvei-me d'aquella vez:
Arrastei ás suas plantas
Minha feroz altivez.
Debalde! que o vil tyranno
Escarneceu do africano;
Maldição! vaidoso, ufano,
Meu amor calcou aos pés.

— É minha, só minha a escrava:
A ti, pertence o grilhão:—
Disse, e o sangue me escaldava
No fundo do coração.
Da vingança a torva imagem
Me sorriu, me deu coragem,
No meu gemido selvagem
Rugiu irado o leão.

Era noite! — negro sonho
Que d'estes olhos não sae!—
Era noite! em céu medonho
Vi tua sombra, ó meu pae...
Rojando um grilhão pesado,
Teu espectro ensanguentado
Se ergueu sombrio a meu lado,
Sem dar um gemido, um ai...

Té que alçando a voz: — meu filho!
Meu filho! — bradaste emfim,
E os olhos turvos, sem brilho,
Tinhas cravados em mim...
Eu quiz lançar-me em teus braços,
Quiz cingir-te em doces laços;
Mas, fugindo aos meus abraços,
Volvias a olhar-me assim.

Foste escravo... teu destino,
Tua morte compr'hendi,
E um nome, o do assassino,
Delirando te pedi;
Mas sem attender a nada,
Erguendo a dextra myrrhada,
— Vingança! — com voz irada
Bradaste, e não mais te vi.

Sim, vingado foi teu sangue
Pór este braço a final,
Que um d'elles cahiu exangue
Aos golpes do meu punhal.
Era amargo o fel da taça:
Vinguei a nossa desgraça
N'um dos tigres d'essa raça,
No sangue do meu rival.

Vinguei o meu e teu jugo!
Que importam ferreos grillhões,
O cadafalso e o verdugo,
O supplicio e as maldições?
Entre os gôsos da vingança
Reluz emfim a esperança;
Já não receio a lembrança
De seus cruentos baldões.

Sinto correr-me nas veias
O fogo que lhe ateei...
Quebrai-vos, duras cadeias,
Escravo não mais serei...
Sou livre! a morte o proclama
N'este peito que se inflamma...
Já n'elle circula a chamma
Do veneno que eu tomei!

O ANJO DA HUMANIDADE

Era na estancia crystallina e pura,
Que além do firmamento rutilante
Se ergue longe de nós, e está segura
Em milhões de columnas de diamante;
Jerusalém celeste onde fulgura
Do eterno dia o resplendor constante,
E onde reside a gloria e magestade
D'Aquelle que povôa a immensidade.

Na mansão mais recondita e profunda
A soberana Essencia o throno encerra,
D'onde a fonte de amor brota fecunda,
Os astros animando, os céos e a terra;
Um mar de luz seus penetraes circumda,
Que o proprio archanjo deslumbrado aterra,
Luz que em triangulo ardente se condensa
Quando o Eterno os oraculos dispensa.

Por toda a parte o azul e as pedrarias
Na cidade divina resplandecem;
Mil arcadas de soes, mil galerias
De brilhantes estrellas, a guarnecem;
Os anjos em lustrosas jerarchias
Nas harpas d'ouro melodias tecem,
Outros em côros adejando vôam,
E d'aromas e canto o céu povôam.

Eis de repente nos umbraes divinos,
Sobre as azas pairando, um anjo entrava,
Parecendo de sitios peregrinos
Que ás regiões celestes assomava;
Cruzando o empyreo, as legiões, e os hymnos,
Qual rapido luzeiro perpassava,
Té que chegando ao throno do Increado,
Nos ultimos degraus ficou poisado.

Pelos eburneos hombros o cabello
Em annelladas ondas lhe cahia;
A saphira das azas sobre o gèlo
Das roupagens luzentes refulgia.
Mais brilhante não é, não é mais bello,
Comparado com elle, o astro do dia,
Ou a estrella que brilha quando a aurora
De purpurina luz o céu colora.

Ao throno augustô levantou a frente,
Mas com as azas a toldou ancioso,
Não podendo soster o brilho ardente
Que despedia o fóco luminoso.
A milicia dos anjos resplendente
Fixou attenta seu irmão formoso;
Os concertos pararam, e elle entanto
Assim fallou entre o geral espanto:

« Eterno Ser, que as divinaes moradas
« Enches de gloria em magestoso assento,
« Fonte de vida e creações variadas,
« Que dás ao mundo poderoso alento;
« A cujo acêno tremem abaladas
« As columnas do ethereo firmamento,
« E cujo nome, que o universo entôa,
« No céo, na terra, e nos abysmos sôa!

« Por teu mando supremo destinado
« A conduzir a humana descendencia,
« Desde que a mancha do cruel peccado
« A fez cahir da primitiva essencia:
« Venho a final, Senhor, de teu mandado
« Dar-te conta fiel, apóz a ausencia;
« Fazer-te ouvir da humanidade os prantos,
« E aguardar teus preceitos sacrosanctos.

« Ordenaste-me, ó Deus, que sempre attento,
« Proseguisse na terra a lei sob'rana
« Que rege, na amplidão do firmamento,
« A criação que de teu seio emana:
« Essa lei de progresso e movimento
« Tenho cumprido na familia humana,
« Desde que ao mundo, a combater seu fado,
« O desterrado do eden foi lançado.

« Primeiro, sobre a terra esclarecendo
« Seus duvidosos passos vacillantes;
« Depois, o justo e seu baixel sostenendo,
« Nas aguas do diluvio sussurrantes:
« De novo á terra, de pavor tremendo,
« Conduzindo mais puros habitantes;
« Mais tarde, junto ao berço do Messias,
« Annunciando ao mundo novos dias.

« Agora, sobre as ruinas d'um imperio
« Outro imperio de novo edificando;
« Agora, as povoações d'um hemispherio
« Sobre as d'outro hemispherio derramando;
« Já do teu Verbo o divinal mysterio,
« Com as sanctas doutrinas, propagando;
« Já mostrando por fim á humanidade
« Nova luz de justiça, e de verdade.

« Quantos velhos sophismas desterrados!
« Quantos idolos falsos em ruinas!
« Quantos sabios triumphos alcançados!
« Quantas conquistas immortaes, divinas!
« Calcando o pó dos seculos passados,
« O homem corre ao fim que lhe destinás;
« Mas ah! Senhor, no meio da tormenta
« Seu valor esmorece e desalenta.

« Seu valor esmorece! tantas lidas,
« Tanto lutar continuo das idades,
« Tanto sangue e martyrios, tantas vidas,
« Tantas ruinas d'imperios e cidades:
« E o homem soffre, e as gerações perdidas
« Se revolvem n'um mar de tempestades,
« Sem vêr luzir esse fanal jucundo
« Que por teu Filho prometteste ao mundo.

« Quantos males ainda! a lei sublime,
« A lei d'amor que derramou teu Verbo,
« Sobre a face da terra, á voz do crime,
« Succumbe e morre por destino acerbo,
« O ferreo jugo que as nações opprime,
« Os humildes abate, ergue o soberbo,
« E o rei da terra, sobre a terra escravo,
« Soffre mesquinho seu eterno aggravado.

« Por toda a parte, em lastimoso accento,
« Se ouve gemer a humanidade afflicta.
« A terra, a mãe commum, nega alimento
« Dos filhos seus á multidão proscripta;
« Enquanto folga em viciõs o opulento
« A indigencia cruel na choça habita,
« E a mãe, a mãe ao peito, em desalinho,
« Aperta morto á fome o seu filhinho.

« Entanto a guerra, que a ambição ateia,
« Ensanguenta as campinas e as cidades;
« A crua peste, que ninguém refreia,
« Converte as povoações em soledades;
« D'estes males crueis a terra cheia,
« Cobre-se inda de mil iniquidades;
« O vicio, o crime, a corrupção devora
« A pobre humanidade, como outr'ora.

« Ao vêr tanta miseria, o bom padece,
« O mau blasphema de teu nome sancto,
« A voz dos inspirados esmorece,
« O futuro se envolve em negro manto...
« Eu mesmo, eu mesmo, recolhendo a prece
« Que a humanidade te dirige em pranto,
« Subi confuso ao eternal assento,
« A depôr a teus pés meu desalento.»

Disse, e um gemido d'afflicção pungente,
Semelhante a dulcisona harmonia,
Soltou do peito, reclinando a frente
Com celeste e ideal melancholia:
Assim pendendo ao longe no occidente,
Se reclina saudoso o astro do dia;
Assim reclina a pallida açucena,
Açoitada do vento, a fronte amena.

Depois continuando: « ó Deus, quem ha de
« Sondar mysterios que teu seio esconde!
« Tuas leis divinaes, tua vontade
« Cumprirei sobre a terra. Eia responde:
« Os passos da mesquinha humanidade
« Aonde os levarei, Senhor, aonde?»
Uma voz retumbou no céo radiante,
Que ao anjo respondeu, dizendo: — ÁVANTE!

PARTIDA

Ai, adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado;
É forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outomno lhes despe os encantos;
Cedo o inverno com gelidos mantos
Baixará das montanhas d'além.
Tudo triste, sombrio, e gelado,
Ficará sem verdura nem flôres:
Tal meu seio, privado d'amores,
Ficará de ti longe também.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longê o cruel desalento!
Apóz dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente
Eu co'as flôres virei outra vez.

Mas se as flôres dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flôres da vida,
Chorá aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sôpro do outômno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te inda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

CANTO DE PRIMAVERA

Eis surge a quadra flórida,
A quadra dos amores,
Vertendo almos fulgores
De seio juvenil.
Tudo revive ao hálito
Que a natureza aquece;
Tudo rejuvenesce
Á luz do ameno abril.

Os bosques odoríferos
Se cobrem de verduras:
Nos montes e planuras
Renasce a terra flôr;
Dos perfumados zephyros
Ás musicas suaves
Se juntam das mil aves
Os canticos d'amor.

Salvè, estação esplendida,
Ó luz appetecida,
Que á terra dando vida,
A tudo dás prazer!
Minha alma em doces extasis
Festeja a tua vinda,
E se ergue á luz infinda,
Manancial do ser.

D'onde, ó calor benefico,
Derivas teu alento?
E d'onde o movimento
Que dás á creação?
Do fóco sempre vívido
Que anima a natureza
Por toda a redondeza
Da terra, e da amplidão.

Como nos campos fulgidos
Espalha essas estrellas,
Assim as flôres bellas
Nos campos terreaes:
Quão bello, ó Providencia,
É teu poder fecundo,
Enchendo o vasto mundo
D'alentos immortaes!

Debalde o immenso vortice
Retoma quanto gera:
Tudo se regenera
No perennal crisol,
E tudo canta harmonico
O Ser que, das alturas,
Aos gêlos dá verduras,
Às sombras novo sol.

Cantae, ó aves módulas,
Cantae em côro ledo!
Murmurios do arvoredó,
Cantae a Jehovah!
Câmpinas aromaticas,
Erguei-lhe os mil perfumes
Das flôres em cardumes
Que a primavera dá!

Abriu-se o tabernaculo
Da terra florescente;
Todo sorri fulgente,
Todo respira amor:
Resoem n'elle os canticos
De mystica harmonia,
Dizendo noite e dia:
— Hosanna ao Creador!

CATÃO

Como em tarde anuviada,
Em tarde de negros véos,
Para a terra contristada
Sorri o iris nos céos;
Mas quando o sol esmorece,
O iris desaparece,
Tudo é negra escuridão;
O mar ruge e se encapella,
E nas azas da procella
Corre bramindo o trovão:
Tal ao sol da liberdade
Que sobre Roma luziu,
Qual iris em tempestade,
Catão á patria sorriu.
Mas esse astro que fulgente

Das aguiás brilhára á frente,
Do Capitolio baixou;
E elle, o iris de bonança,
Elle, de Roma a esperança,
Com seu fulgor expiroi.

Contra as iras da tormenta,
Ó forte, luctaste em vão:
Que póde a virtude isenta
Contra a geral corrupção?
Já não luziam virtudes
Como nos seculos rudes
D'essa Roma consular;
O templo da tyrannia
A seus ministros abria
As portas de par em par.

Inda infante, viste Mario
De Roma o sangue beber;
E envolvida n'um sudario
A pobre Italia gemer.
Viste Sylla, o monstro infando,
Entre as cabeças folgando,
Qual tigre no seu festim;
E, infante, bradaste ufano:
—Dae-me um ferro, e do tyranno
Livremos a patria emfim!

Não t'ó deram: que lucrava
O teu valor juvenil?
D'um tyranno outro brotava,
Nascia a guerra civil.
Enxuto de Roma o pranto,
Eis que envolto em negro manto
Lá surge um conspirador:
Scintilla, a morte, a ruina
No punhal de Catilina,
De Catilina, o traidor.

Surge, vibora gerada
Dos vicios no lodaçal!
Sobre Roma descuidada
Lança o veneno fatal!
Eia, empunha o facho ardente!
Entrega a patria innocente
Aos punhaes da tua grei!
E entre o sangue, á luz do incendio,
N'um throno de yilipendio
Vem sentar-te como rei!

Mas treme! lá sôa o brado
De Marco Tullio, orador.
Treme! Catão no senado
Já dos teus vence o furor.
Succumbiste, algoz ferino!

Oh! mas vinga-te o destino
Que Roma jurou perder.
Catão, cobre-te de luto,
Que da Gallia já escuto
A guerra civil descer!

Gerou-a o triumvirato,
Esse monstro d'ambição;
Que as eras de Cincinnato,
Essas eras já lá vão.
D'olhos fitos sobre a Italia
Eis desce o leão de Gallia,
E Arimino já tomou.
É Cezar! eil-o que assoma:
Abre-lhe as portas, ó Roma,
Que ás tuas portas chegou!

Eil-o parte, e já na Hespanha,
Os tres legados venceu!
Só em Dyrrachio lhe ganha
A espada do grão Pompeu.
Os mortos jazem aos centos:
Sobre os seus restos sangrentos
Um homem chora: é Catão.
É elle que alli deplora
Essa guerra assóladora,
Guerra d'irmão contra irmão.

A liberdade expirava:
O coração lh'ò prediz.
Roma, a livre, Roma escrava
Ia dobrar a cerviz.
Não se enganou: lá troyeja
O fragor d'alta peleja
Em Pharsalia inda uma vez;
Pompeu vacilla e fraqueia;
A liberdade baqueia
De Julio Cezar aos pés.

Eil-a que expira, eil-a morta...
Oh que não! resurge além!
Catão é vivo: que importa
Quanto Cezar ganho tem?
De Pharsalia aos naufragantes
Sobre as areias distantes
Da Lybia surge um fanal:
São d'elle, d'elle as bandeiras
Juntando as rotas fileiras
Para um combate final.

Mas Cezar lá corre ovante,
Vence Juba e Scipião;
Tudo ante elle vacillante
Se prostra emfim: maldicção!
Não tarda a hora funesta:

De liberdade só resta
Dentro d'Utica um fulgor.
Inda Catão lá impera:
É lá que o vencido espera
As iras do vencedor.

Que venha, que ao seu aceno
Curvado não ha de vêr
Aquelle rosto sereno,
Que nunca soube tremer.
Caminha, Cezar altivo,
E acharás em teu captivo,
Em vez de preto, o desdem!
Sabes vencer, porém corre,
Vem saber como se morre,
Aprende a morrer tambem!

Catão, Catão, eis chegado
O momento de partir!
Com que rosto socegado
Te vejo á morte sorrir!
Antes do golpe supremo
Tu paras inda no extremo
A meditar com Platão:
Assim a aguia alterosa
D'alta penha cavernosa
Mede sublime a amplidão.

E depois assim como ella,
Das nuvens rompendo o véo,
Adeja sobre a procella,
Deixa a terra, e busca o céo:
Tal co'a dextra sempre ousada
Cravando no seio a espada,
Partiste d'alma os grilhões;
E d'entre os vaivens da sorte
Voaste, calcando a morte,
Ás ethereas regiões.

Cezar vence, e ao Capitolio
Lá sobe triumphador;
Roma cahe do altivo solio,
Rojando aos pés d'um senhor.
Catão, o livre, expirára...
No suspiro que exhalára
A liberdade voou.
Começava o negro imperio
Que um Caligula, um Tiberio,
Um Nero, monstro, gerou.

Elle entanto, sepultado
Nas praias junto do mar,
Lá dormia deſcançado
Sob a lagea tumular.
Alli a queixosa vaga

Vinha, rolando na plaga,
Beijar do livre a mansão;
E inda fallar com saudade,
Da patria, da liberdade,
Á estatua de Catão.

IMITAÇÃO DO ISLANDEZ

Um dia eu te dizia: — se roubada
Me fôres, vem buscar-me — e tu não crias
Que eu podêsse abraçar-te inanimada,
Beijar teus olhos, tuas mãos já frias.

Mas eu não te amaria, se inconstante
Te podêsse esquecer na sepultura;
Desbotou-se o frescor de teu semblante,
Mas inda adoro tua imagem pura.

Apagou-se em teus labios o ar da vida,
Mas um sôpro immortal veio animar-te;
E tu inda és formosa, inda és querida
Ao que na terra começou a amar-te.

Não me deixes em misero abandono;
Escuta ao longe, escuta a minha prece:
Quando uma noite a viração do outomno
Gemer em nossas rochas, apparece!

E se a lua brilhar, se de passagem
Me estenderes a mão d'etherea alvura,
Eu surgirei por vêr a tua imagem,
Por ouvir tua voz serena e pura.

Depois, anjo celeste, no meu seio
Repousa a fronte, aperta-me em teus braços;
Deixa que eu te acompanhe sem receio,
D'esta existencia desatando os laços.

Sobre a aurora do polo arrebatados
Vamos, no seio d'immortaes venturas,
Em nuvens d'ouro e purpura embalados,
Cantar, sonhar, dormir n'essas alturas.

À MORTE

DO MEU AMIGO LICINIO F. C. DE CARVALHO

Mórreste, amigo, partiste
D'esta mansão passageira!
Bem depressa da carreira
Tocaste a méta fatal!
Com a folhagem dos bosques
Gelou-te o vento do outomno,
E dormes o longo somno
Do teu leito sepulchral!

Já tua mão extremosa
Não aperta a mão do amigo
Que tantas vezes contigo
Em sonhos vãos delirou.
No seio da fria terra
Já não me escutas nem fallas,
Contando lutos ou galas
Do teu viver que passou.

Oh! quantas vezes, immersos
N'esses intimos enleios,
Que fazem um de dous seios,
Sentimos horas fugir!
Quantas, sonhando horisontes
De poesia, amor, ou gloria,
N'uma expansão transitoria
Creamos longo porvir!



E morto jazes, ai! morto,
Sem poder de teus anhelos
Realisar os sonhos bellos,
Cruzar a vasta amplidão?!
Morto sem ter dito ao mundo
A palavra augusta e sancta
Que a turba anciosa espanta,
E que é do genio o condão?!

Morto á luz da tua aurora
Sem que á luz da tua sesta
Podésses, na hora funesta,
Sorrir ao passado teu?!
Morto, ai, morto sem ter ganho
Mais lagrimas de saudade,
Tão doces á soledade
D'aquelle que já morreu?!

Deus! se a vida é campo ameno
Onde se vem colher flôres,
Porque, do sol aos fulgores,
Não se hão de as flôres colher?
Se é deserto ingrato e rude,
Onde não brota uma fonte,
Porque ha de em nosso horisonte
A luz do dia nascer?

Mas dorme, descança, amigo,
Que a vida é o deserto ás vezes...
Estrada de mil revezes,
E de voragens fataes...
E que é o poeta? o viajante
Que fere os pés nos abrolhos,
Em quanto levanta os olhos
Ás regiões divinaes.

Ave estrangeira que passa
N'este clima procelloso,
Com seu canto mavioso
Levando as turbas d'apóz;
Mas que chora de saudade
Por sua patria querida,
Té que a final abatida
Cahe sem alento, e sem voz.

Descança! no frio leito
De teu eterno repouso,
Não te irá o sol formoso
Cada manhã despertar;
Mas também, da aurora á noite,
Não calcarás os espinhos
Que em teus agrestes caminhos
Verias da flôr a par.

Lá não irão festejar-te
Ruidosos echos do mundo,
Que dizem, no som profundo,
Qual é do genio o poder;
Mas também tuas corôas
Não regarás com teu pranto,
Nem a inveja em negro manto
Tua estrella ha de envolver.

Descança! que digo! surge!
Ergue-te á luz, ó poeta,
E revôa aonde inquieta
Te levava a inspiração!
Sonhaste mundos brilhantes,
Sonhaste amor e poesia:
No paiz do eterno dia
Vae colher teu galardão!

Vae! das plagas do desterro
Eis-te a final resgatado:
Procura regenerado
A patria que te sorri!
Lá terás as harmonias
Que soltam milhões d'espheras,
E florentes primaveras
Quaes não terias aqui.

Lá gosa! lá, sacudido
Sobre a terra o terreo manto,
Desprende teu novo canto
De novos soes ao fulgor!
E, se lá póde chegar-te
Esta nota de saudade,
Escuta a voz da amizade
Entre os mil hymnos do amor!

O MENDIGO

Nas torres soberbas da grande cidade
O sol desmaiado não tarda a morrer;
Recrescem as sombras: que importa? a vaidade
No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho entretanto lá sóbe a montanha,
Caminha, caminha, no cimo parou:
Em frigidias gottas o rosto lhe banha
Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz, antes da morte, nas serras distantes
Fitar inda os olhos cançados da luz;
A aldeia da infancia saudar por instantes,
Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
Juntou a seus prantos em funda mudez;
Depois, ao volver-se, topando a cidade,
Que em ebrio tumulto folgava a seus pés:

« Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto
« O pão da desgraça negaste cruel!
« Mal hajas, mal hajas, que a terra do extinto
« Talvez lhe negáras, á tumba infiel!»

E exausto, e sem forças, cahiu de joelhos;
E a fronte cançada firmou no bordão:
Passados instantes, os olhos vermelhos
Ao céu levantava, dizendo: perdão!

Cahiam-lhe soltas no collo vergado
As longas madeixas em brancos anneis:
Quê nobre semblante de rugas sulcado,
Sulcado dos annos, e mágoas crueis!

« Perdão para as vozes que solta a desgraça!
« Perdão para o triste, perdão, ó meu Deus!
« Bem hajas, que aos labios lhe roubas a taça
« De fel e amarguras, abrindo-lhe os céos.

« Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra;
« Esposa não tenho, finou-se de dôr;
« Amigos não vejo na face da terra:
« Que faço eu no mundo? bem hajas, Senhor!

« Ás portas do rico bati sem alento,
« Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim:
« O rico sem alma negou-me o sustento,
« Aquelles que amava fugiram de mim.

« Vaguei pelo mundo, nas faces myrrhadas
« Colhendo os insultos que ao pobre se dão;
« Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
« Poisei minha fronte nas lageas do chão.

« Que vezes a morte chamei sem alento,
« Cançado dos annos, e fomes, e dôr!
« A morte não veio: soffri meu tormento...
« Só hoje me ouviste: bem hajas, Senhor!

« Os homens e o mundo negaram-me os braços,
« Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...
« Minha alma te busca, desprende-a dos laços...
« Perdão para todos, perdão, ó meu Deus!»

E um ai derradeiro soltou d'anciedade,
Cabindo por terra nas urzes do chão;
Ao longe, no seio da grande cidade,
Brilhava das festas nocturno clarão.

A VIDA

A MEU IRMÃO

Que! lutar sempre em afanosa guerra
Contra os rigores d'um feroz destino!
A cada passo lacerar as plantas
N'esta agra senda que nomeiam vida!
Correr apóz um sonho, uma esperança
Que leda nos sorria, e vêl-a ao cabo
Sumir-se, desfazer-se como o fumo!
Ou, se tocamos o vedado pomo,
Arrojal-o de nós, murcho e vasio!
Alcançar por um bem, mil dissabores!
Por uma hora de gôso, mil de prantos!
Soffrer, sempre soffrer, não vir um dia
Em que possamos exclamar: ventura!
E é este o calix de aprazível nectar
Que ao banquete do mundo nos convida?
É este o eden que nos prende os olhos,
E nos faz recuar ante o sepulchro?

Nascemos: com que pena á luz do dia
Surgimos logo do materno seio!
Filhos da dôr, obedecendo á origem,
Nos vagidos da infancia a anunciamos;
E ainda assim, no deslizar sereno
Dos dias infantis, a vida encanta;
A taça da existencia tem doçura,
Como se o mel lhe coroasse a borda
Para mais facil nos tentar os labios.
O horisonte dos annos se dilata;
Vem a idade do amor. Que bellos sonhos
Em magico painel a vista illudem!
Um ser, que a mente em chammas divinisa,
Nosso oásis feliz anima todo,
Bem como o sol anima a natureza,
Ou a rosa do valle os floeos prados.
Mas quantos podem na manhã da vida
Colher a rosa de seu mago enlevo?
Quantos a estrella que adoraram crenes
Sentem passar, e desfazer-se em breve,
Não luzeiro do céu, porém da terra,
Meteóro fugaz que baixa ao solo,
E se dissipa redobrando a noite!

As illusões do amor se desvanecem:
D'esse mundo feliz o homem baqueia
E devorando a mágoa segue ávante.
Prometheu afanoso, eil-o procura
Dar alma e vida ás creações que inventa,

Ai! já não bellas, mas de impura argilla.
Honras, gloria, poder, bens de fortuna,
Sciencia austera, festivaes prazeres,
A tudo se abalança, aspira a tudo,
E em tudo encontra desenganos sempre.
Ao ponto que fitára jámais chega,
Ou, se o alcança, não lhe dura o gôso.

Ai do que envolto em miserandas faxas,
Embalada sentiu a pobre infancia
C'os gemidos da fome! Esse á ventura
Quasi nem ousa levantar os olhos:
Perpetuo desalento lh'os abate
Á triste condiçãõ em que nascêra.
Planta gerada n'um terreno esteril,
Não se ergue altiva, não estende os ramos,
Vive entre espinhos, e entre espinhos morre.
Em vão se cança o triste: raras vezes
Á dura terra lhe concede o premio
Do suor e das lagrimas que verte
No seio ingrato d'essa mãe ferina.
Um pão acerbo que amassou com pranto,
É o alimento que reparte aos filhos;
E o marco do caminho a cabeceira
Onde desprende o moribundo alento.
Ai d'elle! mas não menos desditoso
O que em purpuras e ouro vendo o dia,
Ou conduzido pela mão da sorte,
Chegou aos cumes que a fortuna habita;

E, na posse dos bens que o mundo aneeia,
Palpou tremendo seu medonho nada.
Este, empunhando o sceptro, empallidece
Sentindo às plantas vacillar-lhe o solio;
No fastigio da gloria aquelle geme,
Ao vêr o louro que lhe cinge a frente
Pelo bafo da inveja emmurchecido.
Um as honras consegue, e as vê sem preço;
Outro as riquezas, e lamenta os dias
Que mais bellos perdeu em seu alcance.
Qual, a sciencia devassando ousado,
Apóz longas vigalias estremece
Da dúvida ante o espectro; qual ardente
Das festas no rumor despende a vida,
E a taça do prazer lhe deixa o enfado.

Feliz aquelle que em modesta lida,
Isento da ambição e da miseria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
Á sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existencia deslizar tranquilla,
Como as aguas serenas do ribeiro
Que as herdades pacificas lhe banha.
Mas, que digo! nem esse. Infindos males,
Communs a todos, seu viver não poupam.
D'um lado a crua guerra lhe sacode
O facho assolador às brandas mèses;

A pallida doença, d'outro lado,
Dos entes que mais ama o vae privando;
E elle mesmo talvez, infausta prêsa
D'essa serpente que nos liga á morte,
Nos eculeos da dôr a vida exhaure.
E, como se estes males não bastaram,
Sua mesma virtude lhe é supplicio.
Compassivo co'a dôr que os outros soffrem,
A dôr alheia o atormenta ainda.
Justo, adora a justiça; e, olhando em torno,
A injustiça e oppressão verá reinando;
Verá a innocencia victima do crime,
A virtude humilhada, o vicio altivo,
Os prantos da miseria escarnecidos,
Por toda a parte o mal, a dôr, e as queixas.
Ai d'elle, ai d'elle, se um momento pára
Na atroz contemplação de tantos males!
Ai d'elle, que turbado e confundido,
Em maldições blasphemará terrivel
Da virtude, de si, de Deus, de tudo!

Não! da vida no pélago agitado
Um abrigo não ha, não ha um porto
Onde possamos descansar tranquillos.
Em nós, dentro em nós mesmos, ruge irada
A tempestade que evitar queremos.
Como a serpente no crystal da lympha,
Na alma serena o soffrimento mora;
Não póde o gôso dos mais bellos dias

Encher o abysmo que no seio temos.
Em vão, em vão anciamos a ventura:
Somos na terra qual viajante exausto
Que ouve o sussurro d'escondida fonte,
E morre á sêde, sem poder total-a.

Vida, tremenda herança d'amarguras,
Eu te hei sondado nos meus proprios males,
E em meus irmãos na dôr, nos homens todos:
Grilhão pesado que nos dá o berço,
E que depômos nos umbraes da tumba.
A lucta, a mágoa, eis os teus dons funestos.
Mas d'onde a causa do soffrer eterno
Que as gerações ás gerações transmittem?
Que um seculo, tombando de cansaço,
Como um pêso importuno lega ao outro?
D'onde o crime feroz que um tal castigo
Sobre nós attrahiu? Se um deus é justo,
Que deus, que lei, sem escutar-nos, pôde
A sentença lavrar? Silencio é tudo!
Em vão, para sabê-lo, em vão mil vezes
Interroguei confuso o céu e a terra:
O céu de bronze não me ouviu a prece,
A terra obscura não me soube o enigma.
Dos prophetas na voz, na voz dos sabios,
A dúvida cruel achei sómente.
Pedindo á morte a solução da vida,
Desci ás tumbas, apalpei as cinzas;
Quiz vêr se um echo da gelada campa

Surgia á minha voz; mas foi de balde.
Frias ossadas, carcomidos restos
De quem soffreu tambem, só me disseram
Que tudo acaba alli. A terra, a terra,
O seio impuro dos famintos vermes:
Eis o refugio, a habitação amiga
Que apóz a lucta nos espera ao cabo!
Morte, morte, bem vinda sejas sempre!
Em nome da existencia eu te saúdo!
Tu reinas pela dôr na especie humana,
E, quem sabe? talvez n'esse universo;
O sol, o mesmo sol envolto em sombras,
Parece reflectir-te as negras azas;
E acaso á tua voz, a cada instante,
Um comêta voraz fulmina um globo.
Porque inda tardas a empunhar o sceptro
Que n'este ao menos te pertence ha muito?
Ao desterrado do eden porque deixas
O resto de poder que inda te usurpa?
Eia, desprende sobre a terra as azas,
Sobre esta criação que abandonada
Talvez por seu author como imperfeita,
Qual nau perdida em tormentosos mares,
Vaga sem rumo n'esse espaço ethereo!

Mas que sinistra voz! Silencio, ó lyrá!
Não mais prosigas teu cantar blasphemo!
Fanal de salvamento, luz d'esp'rança

Que na altura do Golgotha brilhaste,
Desce á minha alma que a tristeza inunda!
Desce! de todos resumindo as dôres
O calix d'Elle foi o mais acerbo.
Elle soffreu! Sofframos, e esperemos!
Depois da noite escura vem o dia:
Depois d'este desterro, a eterna patria!

DESENGANO

Vejo-a ainda! resurge a meus olhos
Como em tempos ditosos surgia,
E, qual anjo de casta poesia,
Desce ás vezes n'um sonho d'amor;
Vejo-a ainda nos céos e na terra,
Nos encantos e risos da aurora,
E, se o dia nas ondas descora,
Das estrellas no meigo fulgor.

Era a luz que brilhava em minha alma,
Era o astro que em sombras luzira,
Era o fogo sagrado que a lyra
Ás doçuras d'amor acordou...
Tudo é findo; de balde nas trevas
Busco ainda seu facho luzente:
Foi apenas um astro cadente,
Meteóro fugaz que passou.

Pobre seio que ardente pulsaste
Embalado por falsas venturas,
O fanal que na terra procuras
Sobre a terra jámais acharás.
Não ha seio que entenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anhelos;
Não ha luz que em seus raios mais bellos
Não te esconda uma sombra fallaz.

Que te resta? um futuro vasio
D'illusões que nutriu a esperança,
E um passado de triste lembrança
Como é triste a verdade sem véo...
Olvidar! olvidar! que ao presente,
Ai! só cabe o repouso do olvido.
Olvidar! e que em gêlo sumido
Seja o fogo que em chammas ardeu!

Sonho bello que esta alma illudiste,
Chamma ardente nos céos ateadada,
Vôa, vôa á celeste morada!
Lá nasceste, do mundo não és.
E tu, lyra de languidas cordas
Que d'amor suspiraste em desleixo,
Vae, oh, vae! em silencio te deixo...
Vae, oh, vae para sempre talvez!

AGAR

De Bersabé nos areaes ardentes
O desmaiado sol ía esconder-se,
E Agar, a expulsa Agar, gemendo afflicta,
Unia ao peito o moribundo filho.
O vaso d'agua que lhe dera o esposo
Esgotára-se em breve, e no deserto
Com seu pobre Ismael não descobrira,
Desde o romper do dia, a anciada fonte.
O dia declinava: eis que o infante,
Que pela mão a acompanhava exaustto,
Ardendo em sêde lhe succumbe ás plantas.
Ella vê-o cahir, ella estremece,
E, os olhos turvos em redor lançando,
Aqui e alli correndo, busca ainda,
Mas debalde, um frescor. Emfim cansada,
Ella mesma tambem, eis volve ao filho,
Prostra-se, abraça-o, com maternos beijos
Tenta anciosa prolongar-lhe a vida.

« Filho, meu filho — murmurava a triste —
« Á sêde vaes morrer! Oh! se o podêsse
« Adivinhar teu pae, cruel não fôra;
« E Sara, a propria Sara, enternecida
« Emmudecêra seus fataes ciumes.
« Oh! não gemas, não gemas, que de balde
« Invocas tua mãe. Ella te escuta,
« Mas não pôde salvar-te: dentro em pouco
« Em seu regaço exhalarás a vida.
« E hei de eu vêr-te expirar? vêr n'esses olhos
« Sumir-se a luz do dia? e n'essas faces,
« Que tantas vezes me sorriram ledas,
« Vêr as ancias da morte? Oh! não, não posso
« Vêr morrer o meu filho. » Disse, e ao tronco
D'uma arvore visinha o recostava;
Depois, com tristes, vagarosos passos,
Foi n'outros sitios aguardar a morte.
Alli, ao vêr o sol que esmorecia,
Desatou a chorar, e estes queixumes
Em voz convulsa murmurou ainda:

« Sol do deserto, que o meu pobre filho
« Vês expirando na soidão além,
« Com teu suave derradeiro brilho
« Beijar-lhe a face carinhoso vem!
« Oh! vem, que eu triste n'essa face pura
« Materno beijo nunca mais darei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correit!

- « Quando o teu facho resurgir no oriente,
« Tudo na terra sentirá prazer;
« E lá nos campos de Mambré virente
« Mais bella a rosa te verá nascer:
« Só elle em sombras d'uma noite escura
« Adormecido ficará, bem sei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!
- « Por mim não choro, que infeliz escrava
« Meus tristes dias findarei aqui:
« Ai! choro aquelle que no mundo amava,
« Choro meu filho que espirando vi.
« Maternos mimos, filial ternura,
« Lembrae-me os tempos que feliz gosei!
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!
- « Oh! quem dissera nos passados dias
« Em que ao meu collo te cerquei d'amor,
« Oh! quem dissera que a morrer virias
« N'este deserto, sem achar frescor?
« Emmurcheceste, já não tens verdura,
« Mimoso arbusto que gentil criei!
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meu prantos, sem cessar correi!

« Tantas esp'ranças, que o Senhor gerára
« Na escrava humilde, findarão assim.
« Foi mais feliz a geração de Sara:
« Cruel destino só me coube a mim.
« Em vão, em vão me prometeu futura
« Longa progenie: sem ninguem fiquei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!

« Quem, ó meu filho, n'este solo ardente,
« Quem no jazigo te virá deitar?
« Dizer-te: — dorme — e, reclinando a frente
« No teu sepulchro, sobre ti chorar?
« Eu não, que em breve n'esta plaga obscura
« Tambem já morta como tu serei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!

« Aves agrestes que me ouvis as queixas,
« Com tristes vozes o seu fim chorae!
« Brizas do ermo, suspirae-lhe endeixas!
« Astros da noite, seu dormir velae!
« Velae-o todos, que a final ventura
« Que vos reservo nem sequer terei.
« Perdi meu filho: sobre a terra dura
« Correi, meus prantos, sem cessar correi!

Mas Deus! que viu ella,
Que um ai despredeu?
Que pomba tão bella
No manto do céu!
Que pennas de prata,
D'azul, d'escarlata,
O espaço retrata
Serenos, sem véo!

É anjo voando!
Que brilho que tem!
Que véos ondulado
De pura cecem!
Que anneis de cabelo
Nos hombros de gêlo,
No collo tão bello
Cahindo ao desdem!

Descendo, descendo,
Já perto chegou;
E a pobre tremendo
Calada ficou;
E o anjo sorria
Com doce magia,
E á terra descia,
Na terra poisou.

E em roda mil lumes
De brilho sem fim
Lançava, e perfumes
De nardo e jasmim;
E a voz argentina,
Suave, divina,
Soltou peregrina,
Fallando-lhe assim:

« O que fazes, Agar, porque choras?
« Nada temas, não tens que temer:
« Se o teu filho perdido deploras,
« Esses prantos converte em prazer.

« Do deserto chegou seu gemido
« Às alturas que habita o Senhor:
« Surge, surge, e teu filho querido
« Vae ao longe buscar sem temor!

« Surge, surge, recobra a esperança,
« Que as promessas cumpridas serão!
« O teu filho, o Senhor t'o afiança,
« Será pae d'uma grande nação.

« Gloria a Deus que no céu ouve as mágoas
« De quem soffre na terra a carpir!
« Eis um jorro de limpidas aguas:
« Ide n'ellas a sêde extinguir! »

E, assim dizendo, lhe mostrava perto
Uma fonte escondida entre verduras,
Como nunca se vira no deserto,
De tão grato frescor, d'aguas tão puras.

Depois, batendo as esmaltadas pennas,
Deixou na terra um luminoso traço;
E, agitando seu manto d'açucenas,
Sumiu-se ao longe na amplidão do espaço.

Erguendo aos céos a radiosa fronte,
A pobre mãe ao Senhor Deus louvava;
E, enchendo o vaso no crystal da fonte,
Com elle ao filho a salvação levava.

MARIA, A CEIFEIRA

(IMITAÇÃO DE UHLAND)

« Bons dias, Maria: da lida do prado
« Nem mesmo te afastam cuidados d'amor.
« Se ao fim de tres dias m'ó deixas ceifado,
« A mão de meu filho te quero propôr. »

Promessa é do rico, soberbo rendeiro:
Maria, oh! quão ledo seu peito bateu!
Seus olhos brilharam, seu braço ligeiro
Mais forte nas messes a foice moveu.

Soou meio dia: que ardente seccura!
Já todos demandam a fonte, o pinhal;
Sómente nos ares a abelha murmura:
Maria não pára, que é sua rival.

O sol esmorece, bateram trindades;
Debalde o visinho lhe grita: bastou!
Zagaes e ceifeiros se vão ás herdades:
Maria, co'a foice, lidando ficou:

O orvalho desliza; desponta a seu turno
A estrella no espaço, na selva o cantor:
Maria, insensível ao bardo nocturno,
A foice incansável agita ao redor.

Os dias e as noites assim por taes modos,
Nutrida d'amores, mal sente passar.
Tres dias findaram; oh! vinde vêr todos
Maria ditosa d'esperança a chorar.

« Bons dias, Maria: já tudo ceifado!
« Lidaste devéras: a paga has de ter.
« Emquanto a meu filho, foi graça o tratado:
« Quão loucos e simples o amor nos faz ser! »

Tal disse, e passava... no peito constante,
Ai pobre Maria, que transe cruel!
Teu corpo formoso tremeu vacillante,
E exhausta cahiste, ceifeira fiel.

Um anno a coitada, sósinha comsigo,
Vivendo de fructos, vagou sem fallar...
No prado mais verde cavae-lhe o jazigo:
Ceifeira como esta jámais heis de achar.

O FIRMAMENTO

AO MEU AMIGO J. S. DA SILVA FERRAZ

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véo mysterioso:
Desprende as azas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas de seu carro ardente
Ao rolar através da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguem póde contar-vos: quem podêra
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós perto brilhaes, no fundo accêsas
Do throno soberano:
Quem vos ha de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos n'essas plagas
Que os céos ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sostem as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura?

E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véos do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle fallou! e as sombras n'um momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véo de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gyra
Immerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonora lyra
Cantando os seus louvores.
Cantae, ó mundos que seu braço impelle,
Harpas da criação, fachos do dia,
Cantae louvor universal Àquelle
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano?
Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
Em volta de seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho
Que soberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas?
Que és tu com teus imperios e colossos?
Um átomo subtil, um froixo alento:
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o gyrar dos orbes

À razão encadeias;

Tu pensas, e inspirado em Deus te absorbes

Na chamma das ideias:

Alegra-te, immortal, que esse alto lume

Não morre em trevas d'um jazigo escasso!

Gloria a Deus, que n'um átomo resume

O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra! se inda és pobre,

Conquista aureo destino,

E de seculo em seculo mais nobre

Eleva a Deus teu hymno!

E tu, ó terra, nos floridos mantos

Abriga os filhos que em teu seio geras,

E teu canto d'amor reune aos cantos

Que a Deus se elevam de milhões d'espheras!

Dizem que já sem forças, moribunda,

Tu vergas decadente:

Oh! não, de tanto sol que te circumda

Teu sol inda é fulgente.

Tu és joven ainda: a cada passo

Tu assistes d'um mundo ás agonias,

E rolas entretanto n'esse espaço

Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além scintilla

Hoje um astro brilhante;

Âmanhã eil-o treme, eil-o vacilla,

E fenece arquejante:

Que foi? quem o apagou? foi seu alento

Que extinguiu essa luz já fatigada;

Foram seculos mil, foi um momento

Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia, ao pêso

Dos annos e ruínas,

Tu cairás n'esse vulcão accêso

Que teu sol denominas;

E teus irmãos tambem, esses planetas

Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,

Attrahidos emfim, quaes borboletas,

Cahirão como tu na mesma chamma.

Então, ó sol, então n'esse aureo throno

Que farás tu ainda,

Monarcha solitario, e em abandono,

Com tua gloria finda?

Tu findarás tambem, a fria morte

Alcançará teu carro chammejante:

Ella te segue, e prophetiza a sorte

N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que inda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez, envôlta pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo d'elles todos de repente
Apararás teu vacillante brilho.

E as sombras poisarão no vasto imperio
Que teu facho alumia;
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?
Outro sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios onde imperas
Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro céu mais perfeito,
O céu d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
Do fôco soberano,
Parará concentrando-se no meio
D'esse infinito oceano;
E, acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade—
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

TRISTEZA

Extingue-se o anno, são findos os dias
Que os valles encheram de pródida luz;
O inverno c'roado de nevoas sombrias,
Seus pallidos gêlos á terra conduz.

O rio em torrentes inunda as campinas,
As veigas perderam seu floreo matiz,
Pesada tristeza reveste as collinas,
E as selvas que ha pouco sorriram gentis.

Em tudo a meus olhos avulta uma imagem
De triste abandono, de mystica dôr:
Apraz-me este luto que veste a paizagem,
Apraz-me esta scena d'extincto verdor.

Como estas campinas outr'ora florentes,
Meus dias formosos floriram tambem;
Como ellas agora, meus dias cadentes,
Despidos de encantos, já viço não tem.

Quão rico de gôsos o tempo corria!
Quão triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

Mas essa que vale perdida a esperança?
Que vale um passado que já não é meu?
Á flôr desbotada que importa a lembrança
Da aurora suave que aroma lhe deu?

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Virá de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois findos p'ra sempre, jámais voltareis.

Sondando o futuro, minha alma conhece
Que os ermos do mundo já rosas não tem:
Já tudo succumbe, já tudo fenece,
O sol da ventura, e a esp'rança tambem.

Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida perdendo o calor;
Meus dias declinam qual luz desmaiada
Que doira as montanhas com tibio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou no passado,
Se as trevas se estendem nos céos do porvir,
Que esperas, minha alma? do livro do fado
São negras as folhas: só resta partir.

Ao longe, quem sabe? sulcando as alturas,
Jardins mais formosos verás na amplidão,
De flôres eternas, d'eternas verduras
Que os gêlos da terra jámais seccarão.

Temendo os rigores do outomno visinho,
As aves adejam buscando outros céos:—
Tu és, ó minh'alma, qual ave sem ninho,—
Procura outros climas, rasgando os teus véos!

A MÃE E A FILHA

— Filha, filha, que linda alvorada!
Anda vêr este sol a nascer:
Ha tres dias que gemes deitada,
Mas já hoje sorris dè prazer.

— Oh! que sonhos d'encantos divinos!
Tudo em roda luzia em fulgor,
E mil anjos cantavam seus hymnos
Em jardins d'açucenas em flôr.

Era longe dos olhos humanos,
N'uma terra mui longe d'aqui...
Oh! que mundo tão livre d'enganos!
Oh! que vida que n'elle vivi!

*

— Olha o sol que tão bello se esconde
Nas montanhas sombrias d'além...
Tão calada, tão triste! responde,
Que tens tu, minha filha, meu bem?

Vou na patria d'eternos amores,
Vou ao longe ditosa viver,
Mas, no seio de mundos melhores,
Ai! não te hei de a meu lado já vêr!
Eis um anjo que desce os espaços...
Que harmonias! que brilho sem fim!
Mãe, oh mãe, dá-me ainda os teus braços...
Já não soffro, não chores por mim.

O MOSTEIRO DA BATALHA

Pulsemos a lyra, que além se levanta
Padrão de victoria que immenso reluz!
Um templo e altares á Mãe sacrosancta;
Um templo, um poema que altivo descanta
Grandezas da patria nos atrios da cruz.

Grandezas da patria quem traz á memoria
Que o peito não sinta d'orgulho bater?
Pulsemos a lyra! do livro da historia
Volvamos as folhas, que a musa da gloria
Em nuvens ethereas sentimos descer!

*

Eis já d'Aljubarrota nas campinas
Se encontraram as hostes contendoras.
D'aqui tremulam portuguezas quinas:
D'além as castelhanas invasoras.
D'aqui é João primeiro, cuja lança
A coròa defende e a patria cara:
D'além o estranho rei, pedindo a herança
Da princeza Beatriz que desposára.

Refulge o sol nas armas, os cavallos
Rincham fogosos escarvando a terra;
D'um lado e d'outro os chefes a intervallos
Correm as alas animando á guerra.
Pouco avultam as hostes portuguezas:
Tremendo é de Castella o poderio;
Mas quem á patria negará proezas
D'alto valor, e generoso brio!

A vespera é do dia consagrado
Á Assumpção gloriosa de Maria;
Os olhos levantando, o rei soldado:
« Senhora, exclama, nosso esforço guia!
« Se vencermos, um templo magestoso
« Te erguerei sobre o campo da batalha!»
Diz, e esporeando seu corcel fogoso
Brios em todos com a voz espalha.

Soam trombetas; o signal é dado;
Fluctuam soltos os pendões na frente:
— Sam Tiago! — brada o castelhano ousado;
— Sam Jorge e ávante! — a portugueza gente.
Rédeas soltando os esquadões galopam,
E dão em cheio com furor insano,
Como torrentes que no val se topam,
Ou como as ondas no revolto oceano.

Retine o ferro, a multidão se agita;
As hachas d'armas, os broqueis lampejam;
Piões, ginetes, com medonha grita,
N'um mar de sangue em turbilhão pelejam.
O sol já desce a mergulhar no oceano,
E inda referve a encarniçada lida;
Eis redobra d'esforço o lusitano,
E o estrangeiro leva de vencida.

Foge o rei castelhano espavorido;
Fogem os seus em debandada solta;
Persegue-os João primeiro, e destemido
A gosar do triumpho ao campo volta.
Já se erigem trophéos, já resplandece
O céu da patria c'o fulgor da gloria;
Faltava o monumento que dissesse:
—Foi aqui! eis o campo da victoria!

*

E eil-o ahi que se levanta
Com magestosa grandeza,
D'aquella gentil proeza
Sublime recordação;
Eil-o ahi aos céos erguido,
Como um colosso gigante
Apontando ao caminhante
O sitio da grande acção.

Altos porticos, labores
D'ostentosa architectura,
Corucheus d'immensa altura
Roçando a fronte nos céos;
Dentro, a nobre magestade
Do sanctuario profundo,
Onde, extincta a voz do mundo,
Só lembra o passado, e Deus.

Sobre os gothicos pilares
Brilham tremulos fulgores,
Que das vidraças de côres
Entorna a mystica luz.
Tudo cala, mas, se o orgão
Por entre as naves resôa,
Tudo se anima, e apregôa
O sancto Verbo da cruz.

Então a mente se enleva
Nas torrentes de harmonia
Que da abobada vasia
Retumbam pela amplidão;
E, abrazada nos fulgores
Dos vivos, sagrados lumes,
Sobre as azas dos perfumes
Reyôa á etherea mansão.

Se tudo cahe em silencio,
Cahe em si mesma, e medita,
Recordando a data escripta
N'esses gothicos umbraes.
Pensa então nos heroismos,
E crenças da meia idade,
Combatendo a escuridade
D'aquelles tempos feudaes.

Pensa nos vultos heroicos
Dos antigos cavalleiros,
E em nossos feitos guerreiros
Pela patria e pela cruz;
Pensa na grande victoria
Que nos fez independentes,
E que aos olhos dos presentes
N'esse moimento reluz;

Pensa n'um povo pequeno,
Mas esforçado e guerreiro,
Triumphando do estrangeiro
Á voz do rei popular;
Pensa no Mestre valente;
E sua sombra gigante
Parece ás vezes distante
Entre as columnas vagar.

E pensa tambem no artista,
N'esse architecto inspirado
Que um poema sublimado
Alli traçou a cinzel;
Que cego da luz dos olhos
Accendeu a luz do engenho,
E consummou seu empenho,
Ao grande assumpto fiel.

E Affonso Domingues surge
N'esse padrão sobranceiro
Ao lado de João primeiro,
Seu immortal fundador;
Reis ambos: um pelo berço
Que lhe deu sua nobreza;
Outro, rei pela grandeza
Do seu genio creador.

Lá dormem! um rodeado
Dos braços da sua gloria,
Como depois da victoria,
Sob a tenda a descansar;
Outro á sombra d'esses tectos
Em campa singela e nua,
Como querendo a obra sua
D'além da tumba guardar.

E lá dormem tambem outros que a morte
Juntou á sombra do logar sagrado,
D'infantes e de reis alta cohorte,
Servindo de cortejo ao rei soldado.

Reunidos emfim no chão funereo,
Fernando, Pedro, e Henrique, os tres infantes;
Henrique, o sabio audaz que outro hemispherio
Primeiro abriu aos lusos navegantes.

Duarte e João segundo descansando
D'altas victorias na mansão tranquilla;
Affonso quinto c'os laureis sonhando
D'Alcacer, Tanger, e da forte Arzilla.

E no sôpro do vento que perpassa,
E lhes roça nas frias sepulturas,
Parecem murmurar em voz escassa,
E agitar suas ferreas armaduras.

E lá quando o luar pelas janellas
Lhes escôa nas lapidas marmoreas,
Talvez erguidos se recostam n'ellas
A fallar entre si de nossas glorias.

Dormi em paz, ó chefes do passado,
Heroico fundador, prole valente;
Dormi em paz no tumulo calado
Recordando os laureis da vossa gente.

Enchei em roda os penetraes divinos
De vossos gloriosos esplendores;
E se tendes poder sobre os destinos,
Defendei-os do tempo e seus furores.

Que as gerações passando reverentes
Possam,volvendo as paginas da historia,
Largas eras saudar, curvando as frentes,
Esse padrão d'immoredoura gloria!

DESALENTO

Cançado, ai! já cançado quando a vida
Em flôr nascente desabrocha ao mundo!
Quando a esperança, d'illusões vestida,
Sorri a todos n'um porvir jucundo!

Alma que gemes em lethal quebranto,
Desprende as azas nos vergeis celestes!
Amor, gloria, prazer, dae-me inda o encanto
Que nos dias passados já me dèstes!

Mas que é o amor da terra? luz divina
Que mal desce do céu logo se apaga;
Candida rosa que o tufão inclina,
Que o tempo e a morte desfolhando esmagá.

Doces imagens que em ditoso enleio
Cerquei outr'ora d'illusão infinda,
O que é feito de vós? ai! n'este seio
Viveis apenas, se viveis ainda.

E tu, que és tu, ó gloria? um som que passa,
E de seculo em seculo retumba,
Mas que a frigida lousa não traspassa
De quem já dorme na calada tumba.

Astro que brilha e queima, espectro ovante
Que a desgraça acompanha, e o genio illude:
Vós o sabeis, Camões, e Tasso, e Dante,
Vós que gemeis ainda no ataúde.

Que é o gôso, o prazer? fumo d'incenso
Que embriaga um momento, e se evapora;
Que é o saber, a sciencia? espaço immenso
Em que a verdade mal reluz na aurora.

Que é este mundo que eu sonhei tão bello?
Profundo abysmo de tormenta escura;
Que é pois a vida? um fadigoso anhelô
Que levamos do berço á sepultura.

A morte! oh! se além d'ella o porto amigo
Nos surgisse a final ledô e formoso!
Se n'esses mundos da esperanza abrigo
Despontasse outro sol mais bonançoso!

Mas quem sabe da morte? o ouvido attento
No silencio das campas nada escuta;
E Socrates não diz se um novo alento
Achou, bebendo a gelida cicuta.

Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo,
E qual é sobre a terra o meu destino,
De mim que homem geraste, e que no fundo
D'este valle d'angustia érro sem tino?

Infeliz de quem nasce! a ave que gyra,
A fera, o tronco, o verme que rasteja
Tambem nasceu, mas esse a nada aspira,
Ou se aspirou alcança o que deseja.

E o homem nasce, pensa, e aspira ansioso
Ás illusões que a mente lhe depara,
E a cada passo lhe esmorece o gôso,
E acha só trevas onde luz sonhára.

E caminha, e caminha, e sem alento
Cahe abysmado no seu terreo leito,
Onde apôzi a fadiga e o soffrimento
A lousa sepulchral lhe esmaga o peito.

Aqui, de dôr um pélago profundo;
Além, os vermes da feral jazida;
Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo?
Porque do nada me chamaste á vida?

CONSOLAÇÃO

Quando nas trevas de minha alma afflicta
A procella da dôr mais se encapella,
E o desalento, a d vida, e a descrença
Co'as negras azas me escurece o dia,
A ti,   Deus, a ti com mais esforço,
Através do infinito onde te escondes
Busco elevar-me, demandando auxilio;
E tu, Senhor, descendo a quem te chama,
Fuluras entre as sombras, e a tormenta
Que dentro d'alma rebramia fera,
Vae pouco e pouco serenando as iras.

*
Alguns versos da 1.ª cantata

Bem hajas! quem te procura
J mais te procura em v o:
Tu desces, e a noite escura
Se volve em doce clarão;
Tu desces, e a luz da esp'rança,
Como estrella de bonança,
Brilha no mar da afflicção.

A vida é triste: no mundo
Soffremos até morrer;
Mas, Senhor, quem sonda a fundo
Mysterios do teu poder?
A vida é triste, mas breve;
E o futuro que se eleve,
Eterno, immenso ha de ser.

Mundos e mundos no espaço
Vão rolando á tua voz,
Prêsos em mystico laço
N'esses jardins sobre nós;
E tudo canta á porfia
Aquella grande harmonia
Que ensinam teus anjos sós.

Tudo folga: só na terra
Ha de o homem padecer?
Acaso tão pouco encerra
Seu fado? não póde ser.
Se o homem foi obra tua,
N'este mar em que fluctua
Ha de um porto emfim haver.

Bem hajás! a dôr e o pranto
Vem de ti, do teu amor;
São crysol augusto e sancto
Que nos apura em fulgor;
São a chamma, o fogo intenso
Que nos ergue como incenso,
E a teus pés nos vae depôr.

Tu sabes porque sombria
Vaga a noite na amplidão,
Porque a terra se anuvia,
E rugue irado o tufão:
É que o dia segue a noite,
E das prócellas no açoitê
Se esconde a florea estação.

Bem hajás, Senhor, bem hajás!
O teu poder nos conduz;
Se de luto um dia trajas,
Outro dia além reluz.
N'este gyro sempiterno,
Vem o estio apóz o inverno,
E apóz as sombras a luz.

Bem hajas! feliz no mundo
Quem tua face entrevê,
E d'este abysmo profundo
Se ergue nas azas da fê!
Feliz quem sorrindo ás vagas,
De olhos fitos sobre as plagas,
Espera, confia, e crê!

O BUSSACO

Oh! salve irmão do Libano,
Que altivo ergues a fronte,
Monarcha d'estas serras,
Senhor da solidão!
Salve, gigante cupula,
Que ostentas no horisonte,
Erguida sobre as terras,
A cruz da redempção!

Em teus agrestes pincaros
O homem vive e sente
Mais longe d'este mundo,
Mais proximo dos céos:
Por isso, nos seus extasis,
O monge penitente
Aqui meditabundo
Se erguia aos pés de Deus.

Por largo tempo o cantico
Do pobre cenobita
Soou na ermida rude
Da tua solidão:
Hoje o silencio lugubre
Sómente n'ella habita,
Silencio d'ataúde
Em funebre mansão.

Porém se os coros mysticos
Findaram sua reza,
Se a voz do sancto hosanna
Em ti já feneceu;
Tu vives, e inda incolume
Ao Deus da natureza,
Calada a voz humana,
Descantas o hymno teu.

Oh! como és bello erguendo-te
Á luz do novo dia,
Que os mantos de verdura
Te banha de fulgor!
Quando o gemer dos zephyros,
Das aves a hármonia,
Acordam na espessura
Louvando o Creador!

Mas quanto mais esplendido
Serás quando a tormenta,
Sublime, rugidora,
Eu teu regaço cahe!
Quando de mil relampagos
Teu cume se apresenta,
C'roado, como outr'ora
O fulgido Sinai!

Quando os tufões indomitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam ás torrentes
Com horrído fragor!
Depois, em negro vortice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cantico ao Senhor!

Tu és grandioso; o animo
Que a sós aqui medita
Recolhe altas imagens
De sancta inspiração.
Oh! porque veio turbida
A guerra atroz, maldita,
Soltar n'estas paragens
As vozes do canhão?

D'um lado eram as bellicas
Hostes de Bonaparte;
Do outro heroico e ufano
O povo portuguez:
A liberdade e a patria
Ergueu seu estandarte,
E a historia do tyranno
Contou mais um revez.

Tudo passou: sumiram-se
Vencidos, vencedores;
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal:
Só tu, sorrindo impavido
Do tempo e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.

E cada vez que fulgido
Renasce o novo dia,
De nova luz te banhas,
Despindo os negros véos;
E dizes, em teu jubilo,
Ao sol que te alumia:
— O rei d'estas montanhas
Saúda o rei dos céos.

Depois, ao vê-lo pallido
Nas vagas do horisonte,
Pareces ao mar vasto
Dizer com altivez:
— Em teu regaço, ó pelago,
Tu lhe sumiste a fronte:
Avança, que de rasto
Virás beijar-me os pés!

A FONTE DOS AMORES

Eis os sitios formosos onde a triste
Nos dias d'illusão viveu ditosa;
Eis a fonte serena, e os altos cedros
Que os segredos d'amor inda lhe guardam.
Oh! quantas vezes, solitaria fonte,
Apóz longo vagar por esses campos
Do placido Mondego, n'estas margens
A namorada Ignez veio assentar-se,
E ausente de seu bem carpir saudosa,
Aos montes e ás hervinhas ensinando
O nome que no peito escripto tinha!
E quantas, quantas vezes no silencio
D'esta grata soidão viste os amantes,
Esquecidos do mundo e a sós felizes,
Nos extasis da terra os céos gosando!

Pobre infeliz Ignez! breves passaram
Os teus dias d'amor e de ventura.
Ao regio moço o coração rendêras,
E o que em todos é lei, em ti foi crime.
Eis do barbaro pae, do rei severo,
Se arma a dextra feroz, eil-o que aos sitios
Onde habitava amor conduz a morte.
Distante de teu bem, ao desamparo,
Ai! não podêste conjurar-lhe as iras.
Debalde aos pés d'Affonso lacrimosa
Pediste compaixão; debalde em ancias
Abraçando os filhinhos innocentes,
Os filhos de seu filho, a natureza
Invocaste e a piedade: a voz dos impios,
Dos vis algozes, te abafou as queixas,
E o cego rei te abandonou aos monstros.
Eil-os a ti correndo, eil-os que surdos
Aos ais, aos rogos que tremendo soltas,
No palpitante seio crystallino,
Que tanto amou, oh barbaros! os ferros,
Os duros ferros com furor embebem.
Prostrada, agonisante, os doces filhos
Por derradeira vez unes ao peito,
E de teu Pedro murmurando o nome,
Aos innocentes abraçada expiras.

Inda, infeliz Ignez, inda saudosos
Estes sitios que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredó, os echos, brizas,

Parecem murmurar a infanda historia;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte,
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Às margens, e aos rochedos commovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento.

A UM THEATRO ACADEMICO

Abrindo sepulchros, rasgando mysterios,
Quem mortos gelados levanta de pé?
Quem varre co'as azas as cinzas d'imperios,
E os vultos heroicos anima, quem é?

Quem tira do nada uma fórma divina?
Quem finge uma imagem de negro terror?
Quem ergue virtudes, e o crime fulmina?
Quem risos excita, quem prantos de dôr?

—O genio do drama e o genio da scena!—
São elles que traçam, em véo d'illusões,
D'amor, de ciume, de riso, e de pena
O jogo travado, fallando ás paixões.

São elles unidos que em chamma inquieta
Sentiu Gil Vicente na fronte escaldar?
São elles que o bardo da terna Julieta,
E a fronte de Talma vieram c'roar.

São elles, mancebos, que em nuyens de flôres
A senda apontaram que afoitos seguis,
De palmas e c'rôas, de magos fulgores,
Mas senda d'espinhos; c'o genio condiz.

Em nobre fadiga, que os ocios despreza,
D'acerbos estudos assim descançaes!
Foi bello o designio, difficil a empreza:
Quem logra nas artes repouso jámais?

Que importa? na lucta se provam alentos,
Sómente na lucta se colhem laureis;
Aos peitos ardentes, de gloria sedentos,
Reluz a bonança por entre os parceis.

Ávante! e que o genio das artes potente
O fogo das artes vos possa trazer!
Que em scenas de prantos o pranto rebente,
Que em scenas alegres se gose o prazer!

As artes e as letras nasceram amigas:
Ás aras das duas incensos levae,
E aos louros colhidôs em sabias fadigas,
Os louros do palco viçosos juntae!

N'UM ALBUM

Do soffrimento o archanjo lamentoso
Sobre a face do mundo estende o braço:
Um diadema offertava, e pavoroso:
« Para o que mais soffreu! » gritou no espaço.

Eis logo immensa turba se atropella,
Todos querem ganhar a prenda infausta;
Mas nenhum dos que chegam por obtêl-a
Mostrava a taça da amargura exhausta.

« Afastae-vos! » lhes brada o genio esquivo,
« Nenhum tocou do soffrimento a meta:
« Tu, só tu mereceste o premio altivo;
« Ergue a fronte, corôa-te, poeta! »

VISÃO DO RESGATE

AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA

E eu achei-me assentado solitario
Junto d'um grande mar triste e sombrio;
Cujas ondas d'aspecto funerario,
Se agitavam, qual trémulo sudario
Sobre um cadaver macilento e frio.

E eu era triste! sepulchraes gemidos
Me vinham d'essas ondas tormentosas;
Seu fragor penetrava em meus ouvidos,
Como o arfar de mil peitos opprimidos
Em duros transes d'afflicções penosas.

E por cima na abobada do mundo
Um véo de nuvens se estendia baço;
Rebramava o trovão rouco e profundo,
E o mar lhe respondia gemebundo,
E a tristeza reinava em todo o espaço.

E um suor frio me escorreu na fronte,
Como o orvalho na cruz d'um cemiterio;
E de meus prantos desatou-se a fonte,
E eu pedi ao Senhor que do horisonte
Me tirasse esta nuvem de mysterio..

E o Senhor deu ouvidos a meu rogo,
Pois vi descer a mim do firmamento
Um facho ardente de celeste fogo,
Que as trevas de meus olhos varreu logo,
Qual varre as nuvens um tufão violento.

E eu vi tudo! esse mar de ondas sombrias
Era um mar de nações que se agitava;
E eu conheci que em leito d'agonias,
Chorando em vão seus miserandos dias,
Aquella multidão gemia escrava.

Alli o fraco de pavor transido
Arrastava grilhões aos pés do forte;
O perverso ostentava o rosto erguido,
E o justo era qual pombo foragido
Que nas garras do açor encontra a morte.

O mendigo nos atrios do opulento
Pedia amparo, e maldições colhia;
O filho do trabalho, sem alento,
Comprava o escasso pão ao avarento
A troco dos andrajos que despia.

E entre as garras da fome devorante
O mancebo luctava enfraquecido,
O velho desmaiava agonisante,
E a mãe sem forças apertava o infante
Ao peito como a urze resequido.

E um espectro medonho e ensanguentado
Por entre aquelles povos divagava,
Brandindo um ferro com medonho brado;
E o chão que elle pisava era abysmado
Como em torrentes d'incendida lava.

É que esses povos, como iradas feras,
Ao seu brado feroz se levantavam;
E a matança era tanta, que disseras
Vêr um circo de hyenas e pantheras
Que entre as garras crueis se espedaçavam.

E no meio de tudo em alto monte
Se erguia um throno de rubins accesos,
No qual um anjo, coroada a fronte,
Dominava soberbo esse horisonte
De povos algemados e indefesos.

E no semblante d'esse archanjo ardente
O dedo do Senhor estava escripto;
E eu pôde lêr-lhe na sombria frente,
Gravadas em character refulgente,
As sinistras palavras: — *sé maldito!*

E outro archanjo de negras armaduras
De joelhos aos pés se lhe inclinava;
E, infausto mensageiro d'amarguras,
Na sinistra empunhava algemas duras,
Na dextra ferrea urna sustentava.

E offertando-lhe a urna com respeito,
Lhe dizia com voz assustadora:
« Anjo do mal que o homem tens sujeito,
« N'este vaso de dôr recebe o preito
« Das lagrimas crueis que o mundo chora.

« Eis o penhor fiel que a tyrannia
« Por mim, seu anjo, te conduz ás plantas.
« Os humanos resistem noite e dia,
« Mas o laço do amor não concilia
« As suas turbas, que feroz supplantas.

« Mal haja o Christo que o amor ensina!
« Seu vil reinado succumbiu na terra.
« Triumphas, anjo do mal, reina e domina,
« E mil flagellos ás nações fulmina,
« De crimes, divisões, de luto e guerra! »

E o archanjo brandindo o sceptro ardente
Sorria com feroz perversidade:
E ao longe murmurava um som fremente,
Como o rugido d'um volcão latente,
Ou a voz de longinqua tempestade.

E eu cedi ao vaivem de minhas mágoas,
Como ao sôpro do vento a fragil hera,
Té que uma voz, como a das grandes agoas,
De minhas penas abrandando as frágoas,
Me bradou aos ouvidos: — *cré e esperat!*

★

E subito uma aurora,
Serena, refulgente,
Das trevas do oriente
Desfez os negros véos;
Lavrou, como um incendio,
Nas sombras horrorosas,
E alfim cobriu de rosas
A cupula dos céos.

E um astro despontando
Na franja do horisonte,
Alçou a meiga fronte
Coberta d'aurea luz:
Sobre elle, campeando
Cercada d'alta gloria,
Promessa de victoria,
Brilhava a eterna cruz.

E logo ardente nuvem,
Relampagos soltando,
Baixou do céu voando
No carro dos trovões;
Bem como de trombeta
Soltava estranho accento,
E prestes como o vento
Rolou sobre as nações.

E n'ella a gloria immensa
Do Deus que o mundo adora
Brilhava como outr'ora
No tôpo do Sinai;
E o grito da trombeta
Dizia em som de guerra:
— Surgi, povos da terra,
N'um só vos ajuntae! —

E o throno do mau anjo
Tremeu nos fundamentos,
E eu vi passar nos ventos
O espirito de Deus;
Seu brado erguia os povos,
Bem como a tempestade
Do mar na immensidade
Levanta os escarcéos.

E as turbas procellosas remoinharam,
Como as areias que o tufão agita;
E alçando todas pavorosa grita,
Com laços fraternaes se colligaram.

E emquanto erguiam seus pendões de guerra,
Eis que as azas batendo nas alturas,
Cingidos de brilhantes armaduras,
Dous archanjos pairaram sobre a terra.

Cobriam-lhes as fórmãs delicadas
Escudos e couraças diamantinas,
Aureos elmos as fronteas peregrinas,
Nas dextras empunhando igneas espadas.

E eu vi-os, como soes relampejantes,
Adejarem velozes sobre a terra,
Brandindo irados, em signal de guerra,
As terriveis espadas flammejantes.

Té que chegando o instante do resgate,
Fitando os povos que os olhavam mudos,
Bateram co'as espadas nos escudos,
Bradando ás multidões: — eia ao combate!

E os povos ao brado,

Qual mar agitado

Fervendo em cachões,

Erguiam-se fortes

Em densas cohortes,

Em mil turbilhões;

E á guerra corriam,

E feros bramiam

Quaes feros leões.

Corriam, chegaram,

E o throno cercaram

Do anjo do mal;

Mas elle! — maldito! —

Das luctas o grito

Soltára fatal;

Na mão, qual espectro,

Luzia-lhe um sceptro

De lume infernal.

Com furia sombria,

Da vil tyrannia

Ao anjo acenou,

E o prompto ministro

Seu mando sinistro

Fiel acceitou;

E eis rapido logo

As armas de fogo

Medonhas tomou.

E enormes serpentes
Vermelhas, ardentes,
Soltou pelo chão;
Das ferreas escamas
Sahiam-lhes chammas
De torvo clarão;
Cada uma nos povos
Saltava em corcovos
D'horrenda visão.

Os povos, que as viam,
Debalde investiam
Seus gyros mortaes:
Cruéis lavaredas
Abriam veredas
Às serpes fataes;
E a turba d'exangue
Cahia do sangue
Nos rios caudaes.

Mas n'isto ligeiros
Os anjos guerreiros,
No ar inda então,
Baixaram luzentes,
Quaes astros cadentes,
À terrea mansão;
E aos anjos malvados
Correram irados
Com voz de trovão.

E todos, alçadas
As igneas espadas
Brandiram a par;
Cada uma semelha
Luzente centelha
Cruzando no ar;
Semelha no embate
A onda que bate
Na rocha do mar.

Seus olhos vibravam,
Seus gritos soavam
Em echos d'horror;
As turbas rugiam,
As armas tiniam
Com novo rancor;
O carro da guerra
Rolava na terra
Com torvo fragor.

Até que um rebombo
Soou, como tombos
Ruidoso e fatal
De penha que d'alto
Desaba, e d'um salto
Retumba no val;
Era alto ruído
Do throno abatido
Do génio do mal.

E logo infinitos
Ouvi ledos gritos,
E ouvi maldições;
E soltos aos ventos
Vi centos e centos
D'ovantes pendões;
Vi feitos pedaços
Algemas, e laços,
E ferreos grilhões.

Vi thronos cahidos,
Vi sceptros partidos
Rolarem no pó;
Vi aureos emblemas,
Vi mil diademas
Calcados sem dó;
Vi povos diversos,
Outr'ora dispersos,
Unidos n'um só.

Vi a terra já livre d'anciedade
Rasgar altiva seu funereo manto;
Vi os homens á voz da liberdade
Surgirem fortes do lethal quebranto.

Vi-os, tecendo fraternaes abraços,
Sem odios, sem rancor, e sem vinganças
Estreitarem d'amor serenos laços,
Unidos em sublimes alianças.

E eu louvei o Senhor! já não reinava
O anjo do mal co'a tyrannia fera:
Seu throno demolido semelhava
D'apagado volcão torva cratera.

*

Coberto de mantos de pura saphira
Que dia tão ledo brilhava sem véos!
A estrella formosa que aos homens surgira
Reinava em triumpho no campo dos céos.

Seu facho divino cercado de rosas
Vertia no mundo torrentes de luz,
E o mundo coberto de galas formosas
Saudava n'esse astro do Golgotha a cruz.

Dos valles, dos montes, da terra, e dos mares,
Sahiam murmurios de paz e d'amor,
Co'a voz dos humanos soando nos ares
Em cantos infindos d'infundo louvor.

Batendo serenos as azas douradas,
Os anjos formosos pairavam no céo,
Qual nitido bando de pombas nevadas
Cruzando os espaços n'um dia sem véo.

Nem elmos agora, nem malhas luzentes
Cobriam dos anjos as fórmãs gentis:
De branco trajados, seus véos innocentes
Ondeavam tremendo nas auras subtis.

Cahiam-lhes soltos os longos cabellos
No collo, nos hombros d'alvura louçã,
Seus rostos ornando, mais puros, mais bellos
Que a estrella argentina da rosea manhã.

Traziam poisadas nas candidas frentes
Grinaldas singelas de casta cecem,
E as harpas eburneas tangiam cadentes,
C'roadas de rosas e lirios tambem.

Um côro celeste voando em cardumes
Seguia os archanjos com doces canções;
E todos lançando na terra perfumes
Assim descantavam por sobre as nações:

O ARCHANJO DO CHRISTIANISMO

Salve, dia que meigo fulguras
Despontando no mundo sem véo!
Salve, estrella d'amor e venturas
Que resurges formosa no céo!

Pura e bella surgiras outr'ora,
Densa nevoa cobriu tua luz;
Pura e bella resurges agora,
Vem reinar sobre os homens, ó cruz!

Vem remil-os da negra maldade,
Vem na face do mundo luzir,
Vem trazer-lhes a luz da verdade,
Que o Messias lançou no porvir!

Era o anjo das trevas maldito,
Quem do mundo regia as nações;
Foi o Verbo, o Messias predicto,
Que desceu a partir seus grilhões.

Novas crenças brotando dos labios
Revelou em seu Pae um Deus só,
E, caladas as vozes dos sabios,
Falsos deuses caíram no pó.

Viu as gentes sepultas no crime,
E eis que armado d'augusta missão
Deu lições de virtude sublime,
D'innocencia, d'amor, e perdão.

Ensinou a brandura ao tyranno,
Ao soberbo dos justos a lei;
Ao avaro bradou:—sê humano!
E ao perverso e ao impio:—tremei!

Deu ao fraco palavras de vida,
Deu ao triste consolos na dôr,
Deu a todos a esp'rança perdida
D'outro reino de paz e d'amor.

E cumprindo do mundo a sentença
No tormento da cruz expirou;
Mas com sangue d'um Deus sua crença
Sobre a terra gravada ficou.

Do Calvario, librado nas pennas,
A mil povos com ella voei;
Mil corôas teci d'açucenas,
Com que tantos martyrios ornei.

Foi então... dá-me queixas, ó lyra,
Dá-me notas de fundo pezar...
Christo, ó Christo, a calunnia, a mentira,
Ai! ousaram teu Verbo ultrajar.

Teus ministros, sem fé na verdade,
Renegaram da sancta missão,
E entregaram a lei da igualdade
Aos tyrannos, á voz da ambição.

Logo o facho sangrento da guerra
Accenderam com impio furor,
E em teu nome cobriram a terra
D'exterminio, de sangue, e d'horror.

D'ouro e sangue mantendo seus vicios
Teus preceitos calcaram no pó;
E mil scenas de horrendos supplicios
Ostentaram ao mundo sem dó.

Então eu á celeste morada
D'entre os homens voando subi,
E a teus pés com a fronte curvada
Largas eras, ó Christo, gemi.

Mas das trevas não pôde o combate
Apagar o teu astro de luz:
Aos captivos, signal do resgate,
Eil-o surge brilhante na cruz.

Povos, povos, seccae vosso pranto!
Levantae-vos do leito da dôr!
Terra, entôa de novo o teu canto,
Doce canto de paz e d'amor!

Da maldade, dos odios, da guerra,
Para sempre o reinado morreu.
Paz aos homens na face da terra!
Gloria a Deus nas alturas do céu!

CÔRO DOS ANJOS

Hosanna! hosanna! signal de victoria,
A cruz dô resgate já brilha ás nações;
Hosanna! e se eleva nos cantos de gloria
Dos anjos, dos homens, de mil gerações!

O ARCHANJO DA LIBERDADE

Bem vindo sejas, bonançoso dia,
Que ao mundo trazes a perdida luz!
Bem vindo sejas! teu fulgor lhe envia
No facho eterno que as nações conduz!

Assim de galas e esplendor vestida
Á voz do Eterno a criação rompeu;
E a liberdade se ligou á vida,
No mar, na terra, na amplidão do céu.

— Vivei, sois livres, caminhae ávante! —
O Eterno disse, e me entregou a lei;
Seu dedo a terra me apontou distante,
E eu das alturas com prazer baixei.

E a lei dos mundos vim gravar na selva,
No leão das brenhas, e no açor do ar,
No cedro altivo, na modesta relva,
Nas bravas ondas do revolto mar.

No ser humano, d'entre os mais acceito,
Gravei mais fundo o universal condão,
E d'entre as azas lhe verti no peito
Viva centelha d'immortal clarão.

Então, qual fumo d'abrazado incenso,
Voou da terra festival louvor;
E a natureza, no seu gyro immenso,
Pulsou de vida, liberdade e amor.

Mais ai! que o homem de seus dons celestès
No altar dos vicios holocausto fez;
Rasgou impuro da innocencia as vestes,
Calcou tyranno seus irmãos aos pés.

Tomando o ferro de cruel verdugo
Fartou com sangue mil crueis paixões;
Impôz ao fraco seu tyranno jugo,
E o fraco ás plantas lhe arrastou grilhões.

Então a terra suspendeu seus hymnos,
A luz do dia se turvou no céu,
E esta harpa triste, nos umbraes divinos,
Aos pés do Eterno desde então gemeu.

De negras sombras se toldára o mundo,
Mas eis que os tempos eram findos já;
Eis que uma estrella de fulgor jucundo,
Sorrindo á terra, alumiou Judá.

Em vão; só hoje triumphar devia
Esse astro immenso de serena luz:
Eis surge, eis surge do resgate o dia,
Brilhando aos homens sobre a eterna cruz.

Povos, sois livres, enxugae o pranto!
Do leite amargo do penar surgi!
Terra, modula teu festivo canto,
Que o novo dia já reluz em ti!

D'um Deus o sangue resgatou a affronta:
Quebrae a taça da agonia e dôr!
Novo porvir ás gerações desponta
De liberdade, de ventura e amor.

Eterna gloria ao que desceu á terra!
Eterna gloria do universo ao Rei!
Que o fraco exalta, que o soberbo aterra,
Que impõe aos orbes e ás nações a leit

CÔRO DOS ANJOS

Hosanna! hosanna! seu nome infinito
Refulge de gloria, qual astro sem vèo,
Na luz da verdade, no Verbo predicto,
No mar, nos abysmos, na terra, e no céu!

*

E subindo através do espaço immenso
O côro — hosanna, hosanna — repetia,
Entre nuvens d'azul, d'ouro, e d'incenso,
E entre notas d'angelica harmonia.

Entanto eu com a face unida á terra
Do novo dia o resplendor saudava,
E sobre o campo da passada guerra
Ao Senhor dos exercitos orava.

VERSÕES D'OSSIAN

AO SOL

(FRAGMENTO DO POEMA DE «CARTHON»)

Ó tu que rolas n'esse campo ethereo,
Semelhante ao broquel dos meus passados,
D'onde vem os teus raios, sol brilhante?
D'onde recebes tua luz eterna?
Tu despontas solemne e magestoso;
As estrellas se escondem quando passas,
A lua fria e pallida mergulha
Nas vagas do occidente; e tu caminhas
Solitario nos céos. Quem na carreira
Te póde acompanhar? Os altos robles
Baqueiam das montanhas, e ellas mesmas
Sob o pêso dos annos se arruinam;
O oceano ora se eleva, ora se abaixa;
A propria lua na amplidão fenece:
Só tu caminhas sempre, e sempre o mesmo,
E de tanto fulgor te vanglorias!
Quando a borrasca entenebrece o mundo,
Quando rolam trovões, e adeja o raio,

Tu olhas d'entre as nuvens sobranceiro,
E sorris da tormenta! Mas de balde
Olhando Ossian procuras, que os teus raios
Ossian não mais verá, quer teus cabellos
Em nuvens orientaes flammejem soltos,
Quer descendo os espaços estremeças
Ás portas do occidente. Sol, um dia
Talvez como eu serás; talvez, quem sabe?
Dos annos teus acabarás o gyro,
E insensivel á voz da madrugada,
Em tuas nuvens ficarás dormindo.
Mas folga, folga entanto magestoso
No verdor de teus annos: a velhice
É solitaria e triste; é semelhante
Ao clarão melancholico da lua
Quando brilha entre nuvens, quando o norte
Revôa na planicie, e o caminhante
Pára convulso e de pavor transido.

COLMA

(FRAGMENTO DOS CANTOS DE SELMA)

Era em Selma e nas festas. Começava
Dos bardos o cantar: eis se adianta
D'olhos fitos no chão, banhada em pranto,
A doce, a amavel Mínona. Os cabellos
Lhe ondeavam soltos ao soprar da briza
 Que vinha das montanhas.
As almas dos heroes se enterneceram
 Mal que as primeiras notas
De seu canto dulcissimo soaram.
Muitas vezes o tumulo de Sálgar,
E o tumulo de Colma tinham visto,
Da triste Colma abandonada ás queixas
Na collina deserta. Um dia Sálgar
Promettêra de vir e não viera;
Em torno d'ella já descia a noite:
 Ouvi da triste Colma
 A queixa solitaria:

« É noite! sósinha no monte elevado
« Dos ventos ruidosos escuto o bramir...
« Sombria a torrente sussurra a meu lado...
« Em triste abandono me é doce carpir.
« Descobre-te, ó lua, refulge brilhante!
« Estrellas formosas, mostrae-vos tambem!
« Guiae os meus passos ao sitio distante,
« Onde ora cansado repousa o meu bem!

« Ó Sálgar, ó chefe dos montes valente,
« Quebraste a promessa que em balde te ouvi...
« O tronco, os rochedos, a voz da torrente
« São estes, ó Sálgar, mas faltas aqui...
« Deixei por seguir-te na dôr abysmados
« O irmão que estremeço, meu pae que olvidei:
« São velhos os odios dos nossos passados,
« Mas eu, ó meu Sálgar, jámais te odiei.

« A lua calada fulgura na selva,
« Nas aguas, nas rochas, com doce clarão...
« Quem jaz em distancia dormindo na relva?
« És tu, ó meu Sálgar? és tu, meu irmão?
« Fallae, meus amigos: immoveis, deitados,
« Porque inda em silencio me não respondeis?
« Ai mortos! ai mortos! em sangue banhados!
« E tintos de sangue seus ferros crueis!

« Mataste, ó meu Sálgar, o irmão de minha alma!
« E tu, doce amigo, tu jazes tambem!
« Perdi-vos: só resta chorar-vos sem calma...
« Como eu vos amava não ama ninguém.
« Tu eras formoso nas tuas collinas:
« Elle era terrível das luctas no ardor.
« Quem vossas espadas guiou assassinas?
« Quem pôde inspirar-vos da morte o furor?

« Mas, ai! já não ouvem meus longos gemidos...
« Na terra gelada gelados estão...
« Fallae d'entre as nuvens, phantasmas queridos,
« Que as vossas palavras medonhas não são!
« No monte sombrio que além se divisa,
« Dizei-me a caverna que triste habitaes!...
« Calados! calados! nem sôpro da briza,
« Nem voz da tormenta me traz os seus ais!

« Sentada no monte, c'os olhos absortos,
« Espero chorando do dia o raiar.
« Erguei-lhes as tumbas, amigos dos mortos,
« E n'ellas a Colma guardae um logar!
« Passou de meus dias o sonho tão ledo,
« Passou para sempre! não mais viverei...
« Ao pé da torrente que banha o rochedo,
« Oh! dae-me o repouso d'aquelles que ame!

« De noite, na serra batida dos ventos,
« Meu triste phantasma de pé surgirá,
« E ao som da rajada soltando lamentos,
« No meio das nuvens gemendo errará.
« Ao longe o viandante nos bosques perdido
« Ouvindo-lhe as queixas terá compaixão;
« As queixas, o pranto de Colma sentido
« Chorando os amigos que mortos já são.»

Tal foi, tal foi, ó Minona, o teu canto,
Doce filha de Tórman. Tristes eram
Nossas almas por Colma, e em nossas faces
Deslisavam as lagrimas em fio.

FINGAL

(CANTO PRIMEIRO)

Assentado de Tura junto aos muros
Estava Cuthullin, perto do tronco
De folhas rumorosas. Tinha a lança
Encostada ao rochedo, e aos pés o escudo.
No poderoso Cárbar meditava,
N'esse heroe que vencêra: eis lhe apparece
Móran, filho de Fíthil, sentinella
Do procelloso oceano. « Ergue-te, disse,
« Ergue-te, ó Cuthullin! Eu vi ao largo
« Os navios do norte. Numerosos
« Os inimigos são; muitos os bravos
« Do potente Swáran. »

« Sempre tremes,

« Sempre, ó filho de Fíthil, lhe responde

« O bellicoso chefe, e assim augmentas

« As forças do inimigo. Fíngal era,

« Fíngal, rei dos desertos, que o socorro

« Traz a Erin dos ribeiros. »

« Vi seu chefe,

- « Réplica Mórán, qual rochedo avulta!
« Como um pinho sem rama é sua lança!
« Como a lua nascente o seu escudo!
« Assentado ná praia semelhava
« Nuvem que pousa no calado serro!
« — Muitos, ó rei de heroes, muitos, lhe disse,
« Nossos guerreiros são. Chamam-te o forte,
« Mas os fortes em guerra não tem conta
« Junto ás muralhas da nublosa Tura. —
« Com estrondoso assento semelhante
« Ao da vaga na rocha, elle me brada:
« — Resistir-me quem ousa? Os mais valentes
« Aos meus golpes succumbem. Só podéra
« Fingal, o rei de Selma, elle sómente,
« Meu impeto arrostar. Já combatemos
« Uma vez em Malmor. Com nossas plantas
« Vólviámos a terra; as duras rochas
« Despegadas cahiam; as torrentes
« Recuavam de susto murmurando.
« Tres dias combatemos; os guerreiros
« Nos olhavam ao longe, e estremeciam.
« Diz Fingal que cedi, que o rei do oceano
« Cahiu por terra ao quarto: o rei do oceano
« Resistiu sempre firme! Ceda-lhe hoje
« O torvo Cuthullin! ceda ao que é forte
« Como as tormentas de seu patrio berço! — »
« Oh! não, lhe torna o chefe; a nenhum homem

« Cuthullin cederá, mas ha de em campo
« Triumphar ou morrer! Toma esta lança:
« Parte, ó filho de Fíthil, vae com ella
« Bater de Semo no sonoro escudo!
« De Tura á porta vél-o-has suspenso.
« Sua voz estridente é voz de guerra:
« Hão de ouvil-a os heroes e obedecer-me. »

Partiu. Bateu no escudo. Espavorida
Tremeu na selva a corça; em torno os montes,
Os concavos rochedos retumbaram.
Dos ingremes penhascos saltam logo
Curach, e Cónnal de sanguinea lança.
Bate de Grúgal o ancioso peito;
O filho de Favi deixa a caçada;
« É o escudo da guerra! » brada Rónnar;
« De Cuthullin a lança! » brada Lúgar,
Empunha, ó Cálmar, a soante espada!
Ergue-te, ó Puno, temeroso chefe!
Deixa, ó Cairbar, o ramoso Cromla!
Eth, aproxima-te; á planicie desce
Das torrentes de Lena! Os alvos peitos
Mostra, ó Cathol, atravessando o plaino
Sussurrante de Mora; os peitos alvos
Como as espumas que arremessa a vaga
Aos rochedos de Cúthon!

Eis os chefes!

Eil-os soberbos dos antigos feitos!
Inflammados recordam as proezas,

As glórias do passado. Os olhos torvos
Chammejantes revolvem, procurando
Inimigos da patria. As mãos valentes
Descançam nas espadas. Cada vulto
Lampeja armado de brunido ferro.
Brilhantes são os chefes da batalha
Co'as armas de seus paes! Sombrios, torvos
Os seguem seus heroes, como a caterva
De pluviosas nuvens segue os igneos
Meteóros do céu. Por todo o campo
Resôa o estrondo d'armas, e d'envolta
Os uivos dos mastins; de quando em quando
Rompem cantos de guerra, e o alarido
Se repercute no fragoso Cromla.
Sobre o plaino de Lena estão postados
Como a nevoa do outomno sobre o outeiro,
A movediça nevoa tenebrosa
Que aos céos levanta a retalhada fronte.

« Filhos dos valles, Cuthullin exclama,
« Caçadores do gamo, eu vos saúdo!
« Uma nova caçada nos convida:
« O inimigo se adianta como as vagas
« Que se arrojam sombrias sobre a costa.
« Combateremos nós, filhos da guerra,
« Ou cederemos nossa Erin viçosa
« Aos filhos de Lochlin? Responde, ó Cónnal,
« Tu primeiro entre os homens, tu que partes
« Os escudos na guerra! Já mais vezes

« Com Lochlin pelejaste: empunhar queres
« A lança de teu pae? »

« De ha muito sabes,

« O chefe lhe responde, se nas guerras

« Minha lança fulgura. Seu deleite

« É ferir nos combates, é banhar-se

« No sangue d'inimigos. Mas se o braço

« Arde por combater, sereno o peito

« É pela paz d'Erin. Ó tu na guerra

« De Cormac o primeiro, observa ao longe

« A frota de Swáran. São mais densos

« Os seus mastros na costa do que os juncos

« Na lagôa de Lego. Os seus navios

« São florestas nublosas, cujos troncos

« Cedem a espaços ao soprar do vento.

« Os seus chefes guerreiros não tem conta.

« Cónnal é pela paz. O proprio Fíngal

« Evitára a peleja, elle que sabe

« Dispersar os heroes como dispersa

« O vento os sons de Colna quando a noite

« Carregada de nuvens cobre o outeiro. »

« Ah! foge, homem de paz, foge! lhe brada

« Cálmar, filho de Matha. Vae, regressa

« Aos teus montes calados onde a lança

« Jámais brilha na guerra! Vae, acossa

« O veado do Cromla! com teus dardos

« Fere a corça de Lena! Tu, em tanto,

« Tu, ó filho de Semo, d'esta guerra,
« Ó arbitro supremo, abate o orgulho
« Dos filhos de Lochlin! Suas fileiras
« Rompe atrevido! Que nenhum navio
« Das regiões da neve ouse de novo
« Galgar as ondas d'Inistor sombrias!
« Negros ventos d'Erin, rugi! Erguei-vos,
« Ó turbilhões de Lara! Que entre as nuvens
« Me espedacem as iras dos phantasmas
« Se ha prazer para Cálmar como a guerra! »

« Quando, ó filho de Matha, lhe responde
« Cónnal com lenta voz, quando me viste
« Aos combates fugir? Embora obscuro
« Seja o nome de Cónnal, sempre á guerra
« C'os amigos corri, sempre dos fortes
« O triumpho ajudei. Mas a ti fallo,
« A ti, filho de Semo, e tu me 'escuta.
« Ametade das terras e presentes
« Dá em troca da paz, até que Fíngal
« Aporte ás nossas praias. Mas se a guerra
« Desejas antes, minha lança e espada
« Erguerei satisfeito! os inimigos
« Correrei a affrontar! e como sempre
« Brillará o meu animo na lucta! »

« Eu, tornou Cuthullin, amo o som d'armas
« Como a voz do trovão acompanhado
« Dos chuveiros do estio. Vossas tribus

« Ide pois ajuntar para que eu possa
« Vêr os filhos da guerra. Que elles passem
« Brilhantes como o sol antes que o vento
« Accumulando as nuvens remurmure
« Nos carvalhos de Mórven. Mas que é feito
« Dos amigos que eu tinha? Onde os que ajudam
« Meu braço nos perigos? Onde páras,
« Ó Cathba d'alvo peito? Onde te escondes,
« Nuvem da guerra, varonil Duchómar?
« Tu, Fergus, onde estás? porque me deixas
« No dia da tormenta? Eil-o que chega!
« Fergus, filho de Rossa, tu primeiro
« No prazer dos festins, braço da morte,
« Vens de Malmor acaso? vens correndo
« De tuas serras como leve gamo?
« Salve, filho de Rossa! que tristeza
« Assombra a alma da guerra? »

« Quatro pedras,

« Responde o chefe, a sepultura cobrem
« Do valoroso Cathba; e já na terra
« Dorme tambem o varonil Duchómar.
« Tu eras para Erin, eras, ó Cathba,
« Como um raio do sol! e tu, Duchómar,
« Como a nevoa do Lano que no outomno
« Rola sobre a planicie, e leva a morte
« A viventes sem conta! Ó Morna, ó bella
« Entre as mais bellas, socegado é o somno
« Que dormes junto á rocha! Eis-te cahida
« Entre as sombras da morte, como a estrella

« Que se esvae no deserto, e o caminhaite
« Deixa saudoso de seu raio esquivo. »

« Ah! conta-nos, lhe diz de Semo o filho,
« Conta-nos, Fergus, como foram mortos
« Os guerreiros d'Erin. Cahiram ambos
« Em combate de heroes? Dize-nos, Fergus,
« Porque é que a terra nos esconde os fortes? »

« Cathba, lhe torna o chefe, cahiu morto
« Aos golpes de Duchómar; cahiu junto
« Do roble das torrentes. Exultando
« O fero vencedor foi ter com Morna
« Á caverna de Tura. — Amavel filha
« Do valente Cormac, elle lhe disse,
« Porque saudosa no fragoso serro,
« Na caverna da rocha venho achar-te?
« O ribeiro murmura; a arvore annosa
« Geme ao sôpro do vento; o lago é turvo;
« Negras as nuvens que no céu revôam!
« Mas tu és como a neve da planicie;
« Como o vapor do Cromla é teu cabelo,
« Como o vapor do Cromla quando brilha
« Aos raios do poente! São teus peitos
« Como os lisos rochedos que se avistam
« De Branno dos ribeiros; são teus braços
« Como as alvas columnas espalhadas
« Pelas salas de Fíngal! — »

« — D'onde inquieta,

« Lhe diz a virgem de formosas tranças,
« D'onde vens, ó Duchómar, tu dos homens
« O mais torvo e sombrio? Carregado
« Trazes o rosto, e ensanguentada a vista.
« Descobriu-se o inimigo? Que noticias
« Trazes tu lá do mar? — »

« — É da montanha

« Que eu venho, elle responde; da montanha
« Dos escuros veados. Tres cahiram
« Traspassados por mim; tres foram mortos
« Por meus ageis lebreus. Um d'elles tinha
« Magestosa a cabeça, e os pés movia
« Ligeiros como o vento. Amo-te, ó bella!
« Para ti o matei: não m'o regeites! —

« — Ah! foge, homem sinistro! ella lhe torna.
« Carregado e terrivel tens o rosto,
« E duro o peito como rocha dura!
« Tu, ó filho de Tórman, tu, ó Cathba,
« És meu unico amor! és a meus olhos
« Como um raio de sol em tempestade!
« Oh! dize-me se o viste, o joven bello
« Na serra dos seus gamos, pois ha muito
« Que n'este sitio o espero! — »

« — E largo tempo.

« O esperáras, ó Morna, elle responde!
« Olha esta espada nua: aqui o sangue
« De Cathba ainda escorre. Cahiu junto
« Da torrente de Branno: sobre o Cromla

« Lhe erguerei o sepulchro. Volta os olhos,
« Volta-os para Duchómar: é seu braço
« Forte como a tormenta. — »

« — Morto, exclama
« Em desespêro a angustiada virgem,
« Morto o filho de Tórman! nos seus montes
« Extincto o joven de nevado peito!
« O primeiro em caçadas, o inimigo
« Dos guerreiros do oceano! Eu te detesto,
« Ó Duchómar cruel! Dá-me essa espada!
« N'esse barbaro ferro quero ao menos
« Vêr o sangue de Cathbal — »

« — Elle movido
« De suas queixas, lhe confia a espada,
« E ella no peito varonil lh'a embebe.
« Bem como se despenha a ribanceira
« Da torrente da serra, elle baqueia.
« Na agonia mortal estende á virgem
« A mão convulsa, e diz: Por ti fui morto
« No verdor de meus annos. Sinto a espada
« Fria, ai, fria no peito! Meu cadaver
« Entrega á bella Moiná: eu era o sonho
« Das noites d'essa virgem. Compassiva
« Meu sepulchro ha de erguer; e ha de o meu nome
« Cantar o caçador. Mas vem do peito,
« Oh! vem tirar-me este gelado ferro! —
« De lagrimas banhada acode a virgem,
« O agudo ferro extrahe, e eil-o que a furto
« O crystallino seio lhe atravessa.

« Vacillando ella cahe; o sangue em ondas
« Lhe tinge os braços niveos, a madeixa
« Desgrenhada lhe roja; e na caverna
« Seus extremos gemidos echoaram. »

« Paz, disse Cuthullin, paz e descanso
« Às almas dos heroes! Sublimes foram
« Seus feitos de valor! Que elles me cerquem
« Pairando sobre as nuvens! que eu lhes veja
« As guerreiras figuras! Então forte
« Nos perigos serei; será meu braço
« Como o fogo do céu! E tu, ó Morna,
« Sobre um raio da lua me apparece!
« Às horas do descanso quero vêr-te
« Quando em paz estiver, quando cessarem
« Os tumultos da guerra. Mas as hostes
« Ordenae, meus amigos, e marchemos
« Para a guerra d'Erin! Tomae por norte
« Meu carro de batalha! extasiae-vos
« Ao rumor do seu curso! Eia, a meu lado
« Tres lanças collocae! De meus cavallos
« O galope segui! Que eu possa afoito
« Com meus socios contar quando esta espada
« Relampejar nas sombras da peleja! »

Como espumea torrente que se arroja
Do tenebroso Cromla, quando rola
O trovão pelos céos, e a escura noite
Impera na montanha, quando os rostos

Dos lividos phantasmas apparecem
Nas fendas da borrasca; assim furiosa,
Vasta, e medonha se arremessa a turba
Dos guerreiros d'Erin. Na frente avança
O valoroso chefe, semelhando
A baleia do oceano acompanhada
Do marulho das ondas, ou torrente
Que arrasta as aguas através dos campos:
Aos filhos de Lochlin chega o ruído
Como o surdo rumor da tempestade:
No pesado broquel bate Swáran
Chamando o filho d'Arno. « Que sussurro
« Lhe diz, é este que nos montes sôa,
« Semelhante ao zumbido que levantam
« Os insectos da tarde? Acaso descem
« Os guerreiros d'Erin? Rugem acaso
« Os ventos na floresta? É assim que ás vezes
« Elles soam no Górmal quando querem
« Das minhas vagas açoitam o dorso.
« Sobe já, filho d'Arno, sobe ao monte,
« E estende a vista pelo escuro plaino. »

Partiu. Em breve regressou tremendo.
Em torno os olhos revolvía inquieto;
O coração lhe palpitava ancioso;
As palavras a custo proferia
Cortadas, vagarosas. « Surge, disse,
« Surge, ó filho do oceano, altivo chefe
« Dos escuros broqueis! Eu vi a negra

- « Caudalosa torrente da batalha!
« As movediças forças numerosas
« Dos guerreiros d'Erin! Já temeroso
« Como a chamma da morte se aproxima
« De Cuthullin o bellicoso carro!
« Na parte posterior é recurvado
« Como a vaga ante a rocha, ou como a nevoa
« Doirada pelo sol. São embutidos
« De pedraria os lados, e resplendem
« Como em torno da barca ondas nocturnas.
« É de polido teixo fabricado
« O comprido timão; e o liso assento
« D'osso branco e macio. Tem os bordos
« Recheados de lanças, e no fundo
« O degrau dos heroes. Diante do carro,
« Á dextra parte, relinchando avulta
« O d'amplos crinas, largos peitos, forte,
« Agil, fero cavallo da montanha.
« Estrondoso galopa; a crina esparsa
« Pelo pescoço, os turbilhões imita
« Do vapor que se estende pelas rochas.
« É de brancas espadoas, e chamado
« Sulin-Siffada. Do outro lado, o esquerdo,
« Resfolga ardente o d'elevado collo,
« De raras crinas, duros pés, ligeiro
« Filho da serra, saltador ginete.
« Tem por nome Durósnal entre os filhos
« Da guerra procellosa. Os duros freios
« Entre frocos d'espuma resplandecem.

« Cheias de pedraria as finas redeas
« Batem no collo dos frisões soberbos,
« Que ligeiros resvalam na planicie
« Como o vapor nos paludosos valles.
« Seu rapido galope é como a fuga
« Do trepido veado, e irresistivel
« Como a descida da aguia sobre a prêsa.
« Dentro do carro se divisa armado
« De rijas peças o valente chefe.
« Chama-se Cuthullin, progenie illustre
« De Semo, rei das taças. Tem córado
« O bello rosto como este arco liso.
« Sob as negras arcadas dos sobr'olhos
« As pupillas azues amplas revolve.
« Como uma chamma lhe fluctua a coma
« Quando se inclina ao manejar a lança.
« Ah! foge, rei do oceano! Elle se adianta
« Como vasta procella que rugindo
« Corre ao longo do val!»

«Fugir? e quando

« Fugir me viste? respondeu Swáran.
« Quando medroso se esquivou meu braço
« Á batalha das lanças? Quando, ó chefe
« D'alma pequena, recuei eu nunca
« Em frente do perigo? Eu já do Górmal
« Encarei as tormentas quando as ondas
« Espumavam raivosas; já das nuvens
« Arrostei os combates: hei de agora
« Ante um homem tremer? Oh não; nem Fíngal

« Me podéra assombrar. Eia ao combate,
« Ó valentes guerreiros! Rodeae-me
« Como turbidas aguas! Cercar vinde
« De vosso rei o chammejante gladio!
« A firmeza mostrae das nossas rochas,
« D'essas montanhas que a tormenta encaram,
« E oppõe ao vento os pinheiraes sombrios!»

Como duas procellas que no outomno
Correndo oppostas de diversos montes
Se avisinham medonhas, assim torvos
Uns contra os outros os heroes correram.
Como duas torrentes que á planicie
D'altas rochas descendo as bravas ondas
Encontram restrugindo, assim ruidosa,
Fera, e terrivel se encontrou a gente
De Lochlin e Inisfail. Chefe com chefe,
Homem com homem se travou em lucta.
O ferro bate no sonoro ferro;
Abrem-se os capacetes; jorra o sangue;
As cordas zumbem nos polidos arcos;
Atravessando o espaço as frechas voam;
As lanças descem como a luz que doira
Os véos da noite em alongadas curvas.
Como o rumor do oceano quando as vagas
Encapella raivoso, como o extremo
Rebramar do trovão, assim resôa
O fragor do combate. Quando mesmo
Para a lucta cantar alli viessem

De Cormac os cem bardos, ao estrago
Dos cem bardos a voz não bastaria.
Muitas foram as mortes, muito o sangue
De heroes valentes n'esse chão vertido.

Chorae, filhos do canto, chorae morto
O nobre Sithallin! Que de Fiona
Os suspiros resoem na planicie
Do seu Ardan querido! Ambos cahiram
Como dous gamos do deserto aos golpes
Do potente Swáran. Na refrega
Elle rugia dominando as hostes
Como o espirito fero da tormenta
Que entre as nuvens campeia, e olha em triumpho
O nauta que sossobra. Nem ocioso,
Chefe da ilha das neves, foi teu braço!
Muitos, ó Cuthullin, á morte dèste!
Era o teu gladio como o fogo ethereo
Que incendeia as montanhas, e fulmina
Os incolas do val. Calcando os mortos
Relinchava Durósnnal; e no sangue
Galopava Siffada. Todo o campo
Destroçado deixavam, como as selvas
Ficam no Cromla quando passa o vento
Carregado d'espiritos da noite.

Sobre a rocha dos ventos chora afflicta,
Ó virgem d'Inistor! Inclina ás ondas
A formosa cabeça, tu mais bella

Que o espirito da serra quando ás vezes
Do meio dia sobre um raio desce
Ao silencio de Morven! Teu amigo,
O teu joven amigo já não vive!
Pallido vacillou, cahiu extincto
De Cuthullin sob a tremenda espada!
Nunca mais teu amor em valentia
Á grandeza dos reis ha de elevar-se.
Trénar, o bello Trénar cahiu morto,
Ó virgem d'Inistor! Debalde o chamam
Seus cães uivando: no solar só vêem
Seu espectro vagar. Pende na sala
Desarmado o seu arco, e no aposento
Dos seus veados, o silencio reina!

Como rolam mil vagas contra a rocha,
Taes arremettem de Lochlin as hostes.
Como o rochedo vagas mil affronta,
Taes lhes resistem as d'Erin seguras.
Á pavorosa grita que resôa
O tinido das armas se reune.
É cada heroe como um pilar de nevoa;
Sua espada na dextra é como um raio.
De lado a lado todo o campo sôa
Semelhando a fornalha onde retumbam
Na vermelha bigorna cem martellos.
Quem são esses que tetricos pelejam
Na campina de Lena? Quem são esses
Que duas nuvens na figura imitam,

Cujas espadas sem cessar lampejam?
Em derredor os montes espantados,
Os rochedos medrosos estremecem,
Quem são elles senão d'Erin o chefe,
Senão o filho do oceano? Pelo campo
Co'a vista inquieta os acompanham sempre
Seus guerreiros anciosos. Mas a noite
Os envolve nas sombras, e crescendo
À batalha terrível põe remate.

Do emmaranhado Cromla sobre a encosta
Depositára Dorglas o veado
Que ao romper da manhã fôra colhido,
Estando ainda na montanha as hostes,
Eis ajuntam a lenha cem mancebos,
Dez guerreiros accendem a fogueira,
E trezentos escolhem lisas pedras:
O fumo do banquete sobe aos ares.
O poderoso espirito concentra
Cuthullin meditando, e recostado
À lança refulgente a voz dirige
Ao filho das canções encanecido,
A Cárril d'outros tempos. «Devo acaso
«Do banquete gosar, e ha de isolado
«Longe do gamo das montanhas suas,
«Longe das festas dos salões ruidosos,
«O chefe de Lochlin ficar na praia?
«Vae, ó Cárril annoso; vae levar-lhe
«Amigaveis palavras. Annuncia

« Ao que as ondas ruidosas nos trouxeram
« Que vae dar Cuthullin o seu banquete.
« Venha ouvir o murmurio dos meus bosques
« Pelas sombras da noite, pois gelado
« Sussurra o vento nas espumeas vagas.
« Venha gosar os tremulos accents
« Da harpa melodiosa; escutar venha
« O louvor dos heroes! »

Obedecendo

Parte o velho cantor, e em tom benigno
Dos escuros broqueis diz ao monarcha:
« Acorda, ó rei das selvas, eia acorda!
« D'entre as pelles da caça te levanta!
« Na alegria das taças, no banquete
« Do principe d'Erin vem tomar parte! »
Como o sinistro sussurrar do Cromla
Antes da tempestade, elle responde:
« Quando mesmo, Inisfail, as tuas virgens
« Me estendessem os braços côr de neve,
« E descobrindo os palpitantes seios
« Os amorosos olhos me lançassem,
« Firme n'este logar, como são firmes
« As rochas de Lochlin, ficára ainda!
« N'este logar esperarei que o brilho
« Da matutina luz venha chamar-me
« De Cuthullin á morte. Eu amo o sôpro
« Dos ventos de Lochlin! Elles cruzaram
« Os espaços do mar! Elles me fallam
« No zumbir das enxarcias, e me trazem

« Minhas verdes florestas á lembrança;
« As florestas do Górmal, que eu ouvia
« Rugir ao seu befejo, quando a lança
« Do javali na caça manejava.
« Oh! vae: que o torvo Cuthullin me ceda
« O throno de Cormac, ou em torrentes
« Correrá das montanhas á planicie
« De seus guerreiros o espumoso sangue!»

« Funestos são, diz Cárril d'outros tempos,
« Os ditos de Swáran!» — « Sim, funestos,
« Responde Cuthullin, lhe hão de ser elles.
« Mas ergue a voz, ó Carril, e reconta
« Os feitos do passado. Com teus cantos
« Nos abrevia a noite; em nós desperta
« O gôso da tristeza. Heroes infindos,
« E mil virgens amantes hão passado
« Na terra d'Inisfail. Doces resôam
« Os cantos do infortunio que se elevam
« Nas rochas d'Albion quando emmudece
« O rumor da caçada, e ás vozes d'Ossian
« Se casa o murmurio das correntes.»

« No tempo que passou, começa o bardo,
« Os guerreiros do oceano a Erin vie ram.
« Numerosos baixeis galgando as ondas
« Aportaram d'Erin ás mansas praias.
« Os filhos d'Inisfail se levantaram
« Dos escuros broqueis sustando a raça.

« Militava no exercito Cairbar,
« Dos homens o primeiro, e o joven Grúdar,
« De garbosa figura. Desde muito
« Que entre si contendiam pela posse
« Do immaculado touro que mugia
« Na campina de Golbum; desde muito
« Que a morte viam nos agudos ferros.
« Contra os filhos do mar um tempo unidos
« Combateram a par, venceram juntos.
« Quem na montanha possuia a gloria
« De Cairbar e Grúdar? Mas, oh pena!
« Porque mugia o immaculado touro
« Na campina de Golbum? Mal que o viram
« De novo a sanha lhes brotou nos peitos.

« Sobre as margens do Lúbar combateram:
« Grúdar cahiu sem vida. Então Cairbar
« Caminhou para o valle onde Brassolis,
« Sua irmã formosissima, entoava
« O canto da tristeza. Ella narrava
« As façanhas de Grúdar, o mancebo
« De seu intimo affecto; ella chorava
« Seus perigos no campo, e sua volta
« Esperava com ancia. O branco seio
« Lhe transluzia sob as roupas leves
« Como a lua entre nuvens; e mais doce
« Era seu canto que os gemidos da harpa.
« Em seu bem adorado tinha a mente,
« E seus olhos gentis fallavam d'elle.

«— Quando virás emfim? — ella dizia;

«— Quando virás, ó poderoso em guerras? —

«— Guarda, lhe diz o irmão, guarda, ó Brassolis,

« Este escudo sangrento: vae fixal-o

« Da minha sala no elevado tecto.

« É o escudo de Grúdar! — Mal que o ouve

« A donzella estremece, e a côr perdendo,

« Sem tino, eil-a que parte. Envolto em sangue

« Na planicie de Cromla vê o amante,

« E junto d'elle, vacillando, expira.

« É este, Cuthullin, é este o sitio

« Em que repousam ambos! Estes cedros

« Lhes brotaram nas campas, e saudosos

« Do furor das tormentas os defendem.

« Formosa era Brassolis na planicie!

« Elegante era Grúdar na montanha!

« Hão de os cantos dos bardos memoral-os,

« E ao remoto porvir levar seus nomes! »

« Suave é tua voz, suave, ó Cárril,

« Diz o chefe d'Erin. São apraziveis

« Os contos do passado, como o orvalho

« Da amena primavera quando brilha

« Pelos campos o sol e a nuvem leve

« Revôa nas collinas. Ao som da harpa

« Celebra o meu amor, a luz serena

« Da solitaria estrella de Dunscaith.

« Canta a gentil Brægela, a terna esposa

« Que saudosa deixei na ilha das nevoas.
« Que fazes, doce amiga? acaso elevas
« Sobre a rocha escarpada a bella fronte,
« E meus navios descobrir procuras?
« O mar se agita ao longe: a branca espuma
« Por minhas vélas tomarás acaso.
« Recolhe-te que é noite, amor querido:
« Em teu cabello o vendaval murmura.
« Aos meus paços festivos te recolhe,
« E pensa em outros dias. Aos teus braços
« Não pôderei voltar sem que serene
« A tormenta da guerra. Falla, ó Cónnal,
« Falla-me d'armas só: quero as saudades
« De meu seio expulsar, quero esquecê-la. »

« Dos guerreiros do oceano te acautela,
« Responde o lento Cónnal. Sem demora
« Manda escoltas nocturnas que vigiem
« O campo do inimigo. Sou de voto,
« Ó Cuthullin, que a pelejar não vamos
« Sem que Fíngal, dos homens o primeiro,
« Aporte ás nossas praias, sem que brilhe
« Como os raios do sol em nossos campos. »

Sobre o escudo d'alarma bate o chefe,
E o nocturno esquadrão se põe em marcha.
O restante do exercito no campo
Ao sereno da noite se adormece.
Dos derradeiros mortos os espectros

Divagavam em torno e fluctuavam
Entre as nuvens sombrias. Longe, ao longe
Por sobre a escura solidão de Lena
Funereas vozes murmurar se ouviam.

FIM

INDICE

	PAG.
A Camões	5
O Outomno	12
O Noivado do Sepulchro	16
Desejo	20
Boabdil	22
Canção	26
A' Patria	29
Rosa branca	34
Enfado	38
Anhelos	41
O Filho Morto	45
Socrates	47
A * * *	51
Ultimos momentos d'Albuquerque	52
A ti	59
Infancia e Morte	61
O Canto do Livre	64
Saudade	67
Amor e Eternidade	70
O Escravo	72
O Aujo da humanidade	78
Partida	85

	PAG.
× Canto de Primavera	87
Catão	90
Imitação do Islandez	98
A' Morte do meu amigo Licinio F. C. de Carvalho	100
O Mendigo	105
× A Vida	108
Desengano	116
Agar	118
Maria, a ceifeira	125
× O Firmamento	127
Tristeza	134
A Mãe e a Filha	137
O Mosteiro da Batalha	139
Desalento	147
Consolação	150
O Bussaco	154
× A Fonte dos Amores	159
A um Theatro Academico	162
N'um album	164
Visão do Resgate	165
Versões d'Ossian:	
× Ao sol	187
Colma	189
Fíngal	193